Auto-Conceito:
Uma Visão Integradora de Alunos, Pais e Professores

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Ana Isabel Marote Correia
MESTRADO EM PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO

UNIVERSIDADE da MADEIRA
A Nossa Universidade
www.uma.pt

Setembro | 2011

UMa
Aut

Auto-Conceito:
Uma Visão Integradora de Alunos, Pais e Professores

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Ana Isabel Marote Correia
MESTRADO EM PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO

ORIENTAÇÃO
Maria da Glória Salazar d'Eça Costa Franco

Agradecimentos

Ao longo deste caminho díficil e gratificante contei com pessoas que me apoiaram e às quais quero aqui agradecer, contudo todas as palavras serão poucas.

À minha Orientadora, Prof.ª Doutora Glória Franco, agradeço toda a paciência, atenção e apoio que me deu ao longo desta jornada de trabalho para ultrapassar todas as adversidades que foram surgindo.

Aos presidentes do Conselho Educativo da Escola Básico dos 2 e 3º Ciclos Bartolomeu Perestrelo e do Externato da Apresentação de Maria, por me terem permitido aplicar os questionários.

Aos meus pais, José e Genoveva Correia, que ao longo da minha vida sempre me incentivaram, me apoiaram e que sempre investiram na minha educação escolar o que me permitiu ter chegado até aqui.

À minha tia, Gabriela Correia, que tem sido um grande ombro amigo, que me tem sempre apoiado em todos os momentos da minha vida e que me faz rir como ninguém. Obrigada por seres mais do que uma tia para mim.

Ao meu irmão, Nuno Correia, que tem sido o melhor irmão que alguém podia pedir e tem me ajudado a abstrair de toda ansiedade e nervosismo.

À minha avó, Alcinda Correia, que infelizmente partiu à 5 anos mas que continua a ser uma das pessoas mais excepcionais que alguma vez conheci. Muito obrigada pelos momentos que passámos juntas, pelas gargalhadas e por tudo o que fizeste por mim. Sei que neste momento estarias muito orgulhosa.

Às minhas amigas, Graciela e Sílvia, que ao longo destes cinco anos têm ajudado na minha resiliência e apesar de tudo conseguimo-nos divertir em todos os momentos. A todos aqueles que não referi, mas que me têm ajudado ao longo destes anos, o meu muito obrigada.

Resumo: Ao longo dos últimos anos na literatura académica, é possível perceber que o Auto-conceito tem sido um dos constructos com maior crescimento e visibilidade no campo de investigação na área de Psicologia. Esta investigação teve como objectivo principal perceber se o auto-conceito dos Alunos é coincidente com aquilo que os Pais e Professores pensam acerca dos próprios em duas Instituições de Ensino na Região Autónoma da Madeira. Para isso, utilizou-se a Escala de Auto-Conceito e Auto-Estima para adolescentes de Peixoto e Almeida (1999) para a amostra de alunos e uma adaptação desta escala para Pais e Professores na Escola Básico dos 2 e 3º Ciclos Bartolomeu Perestrelo e no Externato da Apresentação de Maria. A amostra ficou constituída por 187 alunos entre os 11 e os 17 anos de idade, 187 pais e 17 professores. Os resultados obtidos permitiram concluir que no auto-conceito global dos alunos não existem diferenças entre géneros, idades, nível sócio-económico, nem entre alunos do ensino público e privado. Contudo, em relação aos domínios do auto-conceito dos alunos existem diferenças em algumas dimensões do auto-conceito (competência atlética, aparência física, comportamento e amizades íntimas) entre géneros, idades (amizades íntimas) e entre alunos que frequentam estabelecimentos de ensino público e privado (os domínios da Aceitação Social, Competência a Matemática e Auto-Estima). Foi possível ainda perceber que os professores aproximaram-se mais do auto-conceito dos alunos do que os pais dos mesmos.

Palavras-chaves: auto-conceito; adolescentes; género; pais; professores.

Abstract: Over the past years in the academic literature, one can see that the self-concept has been one of the constructs with higher growth and visibility in the field of research in Psychology. The present investigation had as main objective to understand if the student's self-concept is coincident with the parents and teachers thoughts about it, in two learning establishments in the Autonomous Region of Madeira. To that end, it has been used the Self-concept and Self-esteem Scale for adolescents of Peixoto and Almeida (1999) for the students sample, and one adaptation of this scale for parents and teachers in the *Escola Básica dos 2 e 3º Ciclos Bartolomeu Perestrelo* and in *Externato da Apresentação de Maria*. The sample consisted of 187 students (between the ages of 11 and 17 years old), 187 parents and 17 teachers. The results showed that in the student's global self-concept there are no differences between genders, ages, social economic class or among students of public and private education. However in areas of self-concept in relation to students there are differences in some dimensions of self-concept (athletic competence, physical appearance, behavior and close friendships) between genders, ages (close friendships) and students who attend public and private schools (areas of Social Acceptance, Mathematics Competence and Self-Esteem). It was still possible to see that teachers were closer to the student's self-concept than parents.

Keywords: self-concept; teenagers; gender; parents; teachers.

Índice

Agradecimentos II

Resumo III

Abstract IV

Introdução 1

Parte I – Fundamentação Teórica 3

1. Auto-Conceito: Definição e Diferenciação 4
2. Organização do Auto-Conceito 8
3. Auto-Conceito e a Idade 12
4. Auto-Conceito e Género 15
5. Auto-Conceito e Nível Sócio-Económico 19

Parte II – Estudo Empírico 21

1. Objectivos da Investigação 22
2. Questões de Investigação 22
3. Metodologia 23
   - 3.1. Amostra 24
   - 3.2. Procedimentos de Recolha de Dados 29
   - 3.3. Instrumentos de recolha de dados 30
4. Apresentação dos Resultados 34
5. Discussão dos Resultados 46

Parte III – Conclusão 54

2. Limitações e sugestões para futuras investigações 57

Bibliografia 59

Anexos 67

Índice de Tabelas

Tabela 1. Distribuição de Alunos pelo Sexo 24

Tabela 2. Distribuição de Alunos por Grupos de Idade 25

Tabela 3. Distribuição de Pais por Grupos de Idade 25

Tabela 4. Distribuição dos Pais pelo sexo 26

Tabela 5. Distribuição dos Pais pelo Estado Cívil 26

Tabela 6. Distribuição dos Pais por Habilitações Literárias 27

Tabela 7. Distribuição dos Pais pelo Índice de Profissões 27

Tabela 8. Distribuição dos Pais pelo Número de Filhos 28

Tabela 9. Distribuição dos Professores de acordo com o Género 29

Tabela 10. Média de Idade e Tempo de Serviço dos Professores 29

Tabela 11. Distribuição dos itens pelos diferentes domínios da Escala de Auto-Conceito 31

Tabela 12. Valores do Alfa de Cronbach para as dimensões do auto-conceito e escala completa dos Pais e dos Professores 33

Tabela 13. Médias, desvio padrão e *t*-Student para o Auto-Conceito Geral em função do género. 35

Tabela 14. Médias, desvio padrão e *t*-Student para os domínios do auto-conceito em função do género. 36

Tabela 15. Médias, desvio padrão e *t*-Student para o auto-conceito global entre alunos de diferentes idades. 37

Tabela 16. Médias, desvio padrão e *t*-Student para os domínios do auto-conceito entre alunos de diferentes idades. 37

Tabela 17. Médias, desvio padrão e *t*-Student para o auto-conceito em função do nível sócio-económico dos pais. 38

Tabela 18. Médias, desvio padrão e *t*-Student para os domínios do auto-conceito 39

em função do nível sócio-económico dos pais.

Tabela 19. Médias, desvio padrão e *t*-Student para o auto-conceito em função do tipo de estabelecimento de ensino os alunos frequentam. 39

Tabela 20. Médias, desvio padrão e *t*-Student para os domínios do auto-conceito em função do tipo de estabelecimento em que os alunos se encontram inseridos. 40

Tabela 21. Médias, desvio padrão e *t*-Student para os domínios do auto-conceito dos alunos e dos pais. 41

Tabela 22. Correlação entre os domínios da Escala de auto-conceito para os alunos e os domínios da Escala de auto-conceito para os pais. 42

Tabela 23. Médias, desvio padrão e *t*-Student para os domínios do auto-conceito dos alunos e dos pais. 43

Tabela 24. Correlação entre os domínios da Escala de auto-conceito para os alunos e os domínios da Escala de auto-conceito para os professores. 44

Tabela 25. Médias, desvio padrão e *t*-Student para os domínios do auto-conceito dos pais e dos professores. 45

Tabela 26. Correlação entre os domínios da Escala de auto-conceito para os pais e os domínios da Escala de auto-conceito para os professores. 46

Introdução

O auto-conceito tem adquirido ao longo das últimas décadas uma importância crescente nos temas relacionados principalmente com a fase de infância e adolescência, fases de constantes mutações no desenvolvimento do sujeito. Todavia existe controvérsia quanto ao desenvolvimento do auto-conceito ao longo da vida do indivíduo. Enquanto uns autores acreditam que o auto-conceito é algo que se mantém estável ao longo da vida, outros acreditam que tem tendência para evoluir, enquanto que outros crêem ainda que é variável de acordo com o contexto (Valente, 2002). Ainda de acordo com o mesmo autor, tem-se verificado uma vertente dinâmica no auto-conceito, principalmente nos períodos de infância e da adolescência.

No contexto português, no período da adolescência tem-se verificado um declínio no valor do auto-conceito à medida que os sujeitos se tornam mais velhos (Faria & Azevedo, 2008).

Apresenta-se então uma investigação a ser realizada a Alunos do 3º Ciclo de duas escolas do Concelho do Funchal na Região Autónoma da Madeira (ensino público e privado), como também questionar os Pais e Professores dos mesmos, acerca do Auto-Conceito dos alunos/filhos.

Esta investigação tornou-se pertinente uma vez, que apesar do Auto-Conceito ser um constructo que tem vindo a ser alvo de bastante estudo, esta investigação em específico apresenta-se como uma novidade no campo de investigação em questão, visto que assimilar-se-á além do auto-conceito individual dos alunos, o que pensam os pais e os professores acerca do, já imensamente referido, auto-conceito dos mesmos.

Para uma melhor assimilação do estudo, apresenta-se aqui a estrutura do mesmo. Assim esta investigação encontra-se dividida por três partes distintas. Na primeira parte

da investigação será efectuada a revisão de literatura, a qual aborda a conceptualização do constructo auto-conceito, a sua diferenciação em relação à auto-estima, o auto-conceito durante o período da adolescência e as divergências em relação ao género, idade, nível sócio-económico e tipo de estabelecimento de ensino. A segunda parte destina-se à parte empírica do estudo em questão, onde estão descritos os objectivos, questões de investigação, opções metodológicas, descrição da amostra, técnicas e instrumentos de recolha de dados e os procedimentos tomados aquando da investigação, tal como a análise, interpretação dos resultados obtidos e a discussão dos mesmos. A última parte do estudo destina-se às considerações finais, no qual estará incluído as limitações e propostas de futuras investigações.

Parte I - Fundamentação Teórica

1. Auto-Conceito: Definição e Diferenciação

Numa sociedade actual em constante mutação, é necessário que o indivíduo tenha presente qual a sua identidade, isto é, é necessário que o sujeito se conheça a si próprio, sendo capaz de responder à questão: "Quem sou eu?" (Veiga, 1995).

Na literatura psicológica norte-americana, James (1890) é apontado como o primeiro psicólogo a estudar o auto-conceito (Gergen, 1971; Wells & Marwell, 1976) permanecendo como um dos conceitos em Psicologia que maior curiosidade estimula.

Segundo Shavelson, Hubner, & Stanton (1976), o auto-conceito pode ser definido como a percepção que o indivíduo tem acerca de si próprio.

O auto-conceito é um constructo cuja pesquisa em torno do mesmo teve um grande impulso, essencialmente, nas décadas de 60 e 70 (Brookover & Passalacqua, n.d.; Burns, 1979; Wylie, 1974, 1979 *cit in* Marsh, Relich, & Smith, 1983). A partir dessa época, este conceito veio fomentando o interesse dos investigadores, reconhecendo-se o auto-conceito como uma variável importante, como também a melhoria do mesmo serviria como meio para a melhoria dos resultados de outros factores.

Assim, cada vez mais as percepções que os indivíduos têm de si próprios tem sido um aspecto importante nas investigações nos últimos anos.

A literatura especializada tem revelado que altos níveis de auto-conceito têm um papel importante no bem-estar, ajustamento psicossocial dos indivíduos e rendimento académico, uma vez que surge como agente motivacional associado à realização escolar e ao seu desenvolvimento harmónico (Fontaine, 1991).

No que ao desenvolvimento diz respeito, o auto-conceito assume particular importância na infância, pré-adolescência e adolescência, pois de acordo com

Shavelson, Hubner, & Stanton (1976) ao longo do desenvolvimento do indíviduo o auto-conceito modifica-se tornando-se diferenciado e integrado num conceito que é multifacetado e hierárquico.

Ao longo da história é possível ainda perceber que os termos auto-conceito e auto-estima foram utilizados indescriminadamente, muitas das vezes, sendo estes representados com o mesmo conceito.

De acordo com Peixoto (2003) esta confusão de termos é consequência de uma grande quantidade de estudos realizados acerca desta temática ao longo das últimas décadas, nomeadamente a partir da década 70, os quais se tornaram mais intensos. Peixoto (2003) apresenta no seu trabalho alguma da termologia associada ao self, sendo eles: autoconceito, auto-imagem, auto-valor, auto-avaliações, auto-percepções, auto-representações, auto-esquemas, auto-eficácia e auto-monitorização.

Um dos autores mais conhecidos nesta área de estudo é Marsh (1993), o qual revela não distinguir a auto-estima e o auto-conceito, sendo possível perceber que em alguns dos seus estudos, esta indeferenciação conceptual está presente.

Todavia e de acordo com Peixoto (2003), apesar de muitos autores se referirem ao auto-conceito e à auto-estima como constructos iguais, este defende que quer do ponto de vista conceptual, quer do ponto de vista de instrumentos de recolha de dados, estes dois conceitos apresentam-se como distinguíveis.

Assim, nos anos 50, Rogers foi dos primeiros autores a abordar duas perspectivas acerca da formação da auto-estima. Estas duas perspectivas são denominadas por perspectiva social e perspectiva individualista. A primeira pespectiva (perspectiva social) deu relevo à dimensão social do *self*, isto é, a relação do indivíduo com a sociedade. Já a perspectiva individualista valorizou a percepção do indivíduo na

construção do *self*. Ainda de acordo com James (1890, citado por Mruk, 1998) a auto-estima está directamente relacionado com o lado afectivo do sujeito.

Osborne (1996) considera a auto-estima como uma componente afectiva, a qual poderá ser representada como um sentimento permanente, quer positivo, quer negativo sobre o próprio havendo uma variação desse sentimento consoante as conquistas e as falhas na sua vida diária.

A auto-estima pode também ser descrita como o sentimento que atribuímos ao julgamento que fazemos acerca das auto-representações, pelo que as nossas competências têm influência no indíviduo ao nível psicológico, emocional e comportamental (Uszynska-Jarmoc, 2007).

De acordo com Brown (1993) a identidade e auto-estima estão fortemente ligados entre si, assim a uma maior valorização das capacidades por parte dos próprios indivíduos, existe um aumento da auto-estima global.

Já Wells e Marwell (1976) defendem que existem dois tipos de auto-estima. Assim, existe uma auto-estima a qual é baseada num sentido de virtude ou valor moral e uma outra auto-estima direccionada num sentido de competência, poder ou eficácia.

A auto-estima também pode estar relacionada com auto-conceito, sendo considerada como uma outra faceta do auto-conceito (Vaz Serra, 1986). Para este autor, a auto-estima pode ser definida com um resultado dos julgamentos que o indivíduo faz dele próprio, estando ao mesmo tempo associada a fenómenos de compensação emocional ou de descompensação emocional do sujeito.

Harter (1993) considera a auto-estima como a visão global que o sujeito tem de si próprio.

Assim a auto-estima e a identidade do indíviduo, de acordo com Gottfredson (1985, citado por Oliveira, 2005) são dimensões do auto-conceito. Este autor apresenta

o auto-conceito como uma variável estável e abragente da personalidade, que possui as dimensões cognitiva e afectiva da mesma.

Diversos autores têm tentado definir o auto-conceito. Hattie (1992) e Campbell e Lavallee (1993) apresentam o auto-conceito como um conjunto de avaliações na área da cognição que abarcam crenças ou conhecimentos acerca de descrições e/ou avaliações do próprio indivíduo.

Harter (1993) acredita que o auto-conceito é um componente da auto-percepção assim como a auto-estima (a qual pertence aos aspectos avaliativos), contudo este afirma que o auto-conceito pertence aos aspectos conativos.

Carrapetta, Ramires, e Viana (2001) consideram o auto-conceito como a concepção que cada sujeito tem de si próprio, nomeadamento no que concerne às suas capacidades, aos valores a nível social, moral ou físico e às suas atitudes.

Manjarrez e Navas (2002) acreditam que o auto-conceito é uma das funções mais importantes da personalidade, sendo ao mesmo tempo um factor de influência na motivação, no comportamento e no desenvolvimento da saúde mental.

No que diz respeito à operacionalização destes dois termos agora em discussão, Peixoto (2003) ao fazer uma análise sobre os instrumentos de avaliação utilizados por diversos autores para estudar os dois termos supramencionados denota diferenças significativas entre os mesmos.

Ao analisar os instrumentos utilizados na avaliação da auto-estima, Peixoto (2003) ressalva que o valor da auto-estima, nestes instrumentos, é alcançado a partir de itens que invocam uma auto-avaliação global do indivíduo, ao contrário das escalas de avaliação utilizadas no estudo do auto-conceito, nas quais os valores são obtidos através da soma dos diferentes auto-conceitos de várias dimensões.

A diferença entre os dois constructos em questão também pode ser sustentada através de um estudo apresentado por Marsh (1986). Neste estudo, os resultados demonstraram que a auto-estima é influenciada pela forma como os sujeitos se percepcionam em diferentes domínios de competência. Todavia o somatório desses domínios específicos não podem ser confundidos com a auto-estima.

Assim, e tendo como base a visão de Peixoto (2003), o auto-conceito e a auto-estima são dois termos psicológicos que são diferentes entre si e os quais avaliam de diferentes formas do *self*. Pode-se então referir que a componente avaliativa da parte cognitiva é destinada ao auto-conceito, enquanto que a auto-estima está intimamente ligada com a componente afectiva.

A investigação em questão adoptará uma visão multidimensional do auto-conceito, tendo como base os recentes estudos de Peixoto (2003).

2. Organização do Auto-Conceito

O auto-conceito é um dos mais importantes, mais antigos e controversos constructos estudados na ciências sociais (Marsh, 2006).

Actualmente ainda não existe uma definição globalmente aceite do que é o auto-conceito (Gouveia, 2003; Silva, 2009; Teixeira, 2010). Contudo este conceito não deixa de ser um aspecto fulcral na constituição da personalidade do indivíduo (Fontaine & Antunes, 2003).

De acordo com Faria (2003), é necessário desenvolver o auto-conceito por forma a promover a realização dos indivíduos nos seus diferentes contextos de vida. Segundo Sisto, Bartholomeu, Rueda & Fernandes (2004), o auto-conceito é o conhecimento que o sujeito tem de si próprio. Segundo os mesmos autores, o auto-conceito é influenciado

por todos os factores positivos e negativos que ocorram na fase mais prematura do desenvolvimento e que influencia a personalidade dos sujeitos e o posterior desenvolvimento dos mesmos.

Segundo diferentes autores, os vários contextos no qual o sujeito está inserido (entre eles, a familia, o grupo de pares, etc.) influenciam o auto-conceito do indivíduo, assim como a avaliação que as pessoas significativas fazem acerca de si próprio (Faria, 2005).

De acordo com Byrne (1984) existem três modelos de auto-conceito. São eles, o modelo unidimensional, o modelo taxonómico e o modelo compensatório.

Segundo Marsh e Hattie (1996), o modelo unidimensional do auto-conceito dá a entender que existe um factor geral do auto-conceito ou um factor geral que controla factores específicos. Contudo este modelo unidimensional do auto-conceito não teve suporte empírico, uma vez que os estudos realizados revelaram problemas estatísticos e de mensuração.

Além deste modelo, houve estudos que sugeriram o modelo taxonómico. Este modelo taxonómico defendia que o auto-conceito era constituído por um conjunto de factores específicos, os quais eram relativamente independentes uns dos outros. Mais uma vez e de acordo com Marsh e Hattie (1996), este modelo não obteve suporte ao nível empírico.

Por fim, o modelo compensatório defende a existência de um factor geral e de facetas específicas as quais relacionam-se inversamente, ou seja, uma faceta de baixo estatuto seria compensada por uma faceta de elevado estatuto (Byrne, 1984).

Porém apesar da existência destes modelos, o modelo que teve maior aceitação entre a comunidade académica foi o modelo multidimensional. Apesar dos diferentes trabalhos realizados por diversos autores, este conceito é pela primeira vez abordado do

ponto de vista psicológico por William James. Também este autor adiciona a este conceito a sua visão multidimensional do mesmo. Nesta sua visão James (1890, citado por Harter, 1996) apresenta duas visões do *self*, estas duas visões consistem no *The I* (Eu enquanto sujeito) e *The Me* (Eu enquanto objecto). O primeiro (*The I*) representa o *Eu conhecedor*, isto é, aquele que tem como função organizar e interpretar de uma forma subjectiva o que foi experenciado pelo indivíduo. Já o *The Me* (que é construído pelo *The I*) representa o *Eu conhecido*, que se refere a um conjunto empírico de aspectos que são conhecidos pelo *self* (James, 1890, citado por Harter, 1996). Assim o "The I" consiste numa instância cognitiva, sendo esta o conhecedor, o sujeito, enquanto que o "The Me" (o qual posteriormente denominar-se-á de auto-conceito) é "o que é conhecido" ou o teor da consciência, o mesmo não é apenas constituído por conceitos, mas também por emoções e motivações (James, 1890, citado por Oliveira, 2005).

Ainda de acordo com a teoria de James, o *The Me* pode ser divido em três subdivisões: *self*-material, *self*-social e *self*-espiritual. O *self*-material reúne as percepções do índividuo acerca do seu corpo e as percepções acerca das posses materiais do sujeito. Já o *self*-social abarca as características do *self* conhecidas pelos outros. Por fim o *self*-espiritual engloba aspectos do *self* entre os quais, pensamentos, julgamentos morais e disposições que de acordo com o mesmo autor têm uma maior duração.

Contudo o modelo que teve maior aceitação entre a comunidade académica foi o modelo multidimensional e hierárquico proposto por Shavelson e colaboradores (1976).

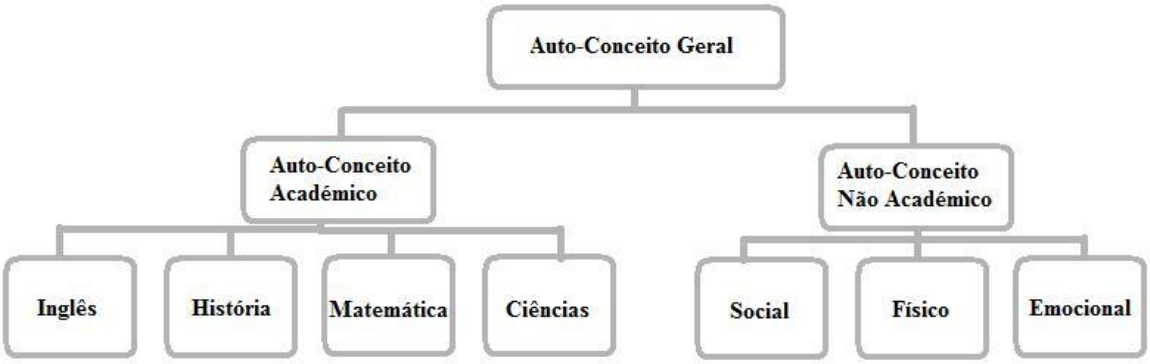

Figura 1. Estrutura do Auto-Conceito (Shavelston *et al*., 1976)

Este modelo tem vindo a ser base para diversas investigações e de acordo com estes autores, o auto-conceito é um constructo formado através da experiência do sujeito com o meio, das interacções com os outros e das atribuições do seu comportamento, o qual é traduzido por um agrupamento de atitudes face a si próprio. Neste modelo, o auto-conceito é definido por sete características diferentes, são elas:

1) *Organizado e estruturado* – organiza a informação acerca de si próprio, a qual tem acesso através de diferentes categorias;

2) *Multifacetado* – dado que as diferentes facetas deste constructo são um reflexo de um sistema de categorias de auto-referenciação adoptado por um sujeito ou por um grupo;

3) *Hierárquico* – uma vez que as percepções do sujeito vão sendo organizadas desde a base (onde situam-se facetas diversificadas) até ao topo (onde se situa o auto-conceito geral);

4) *Estável* – permitindo um bem estar mental e psíquico;

5) *Desenvolvimental* – desde o desenvolvimento do indivíduo da infância até à idade adulta, o auto-conceito torna-se cada vez mais multifacetado;

6) *Descritivo e Avaliativo* – visto que o auto-conceito permite ao indivíduo fazer auto-descrições e avaliar-se em diferentes situações que experencia com o auxilio dos

sentimentos que vivencia permitindo ao sujeito fazer uma retrospectiva do seu comportamento em determinada situação;

7) *Diferencia*-se – pode-se distinguir de outros constructos com os quais mantém uma relação teórica;

Muito do trabalho realizado acerca do auto-conceito teve como base o trabalho elaborado por Shavelson *et al*. (1976), considerado por Teixeira (2010) o grande impulsionador do avanço da investigação acerca deste constructo.

O auto-conceito deve assim o seu avanço à descoberta da multidimensionalidade deste constructo, que até então era considerado como um constructo unidimensional. Um dos grandes responsáveis foi o modelo acima descrito.

Assim, pode-se considerar que pelo facto do indivíduo estar inserido em diferentes contextos, este aspecto acaba por adquirir uma influência nas auto-representações referentes ao desempenho em diversas tarefas do quotidiano. Assim, a multidimensionalidade do auto-conceito subentende que existe um processo distinto entre os seus diferentes domínos, ou seja, o indivíduo terá de ser capaz de distinguir o conteúdo existente em cada domínio e ser capaz de internalizar qual a auto-representação do mesmo. (Peixoto, 2003)

3. Auto-Conceito e a Idade

A percepção que o sujeito tem de si próprio é algo que vai se modificando ao longo da idade, tornando-se muitas vezes, essas percepções mais complexas ao longo do desenvolvimento cognitivo pessoal. Um dos aspectos que tem sido alvo de atenção por

parte dos teóricos nesta área de estudos é a existência de uma diferenciação progressiva dos diferentes domínios do auto-conceito ao longo da idade durante a infância.

Assim, Marsh, Barnes, Cairns e Tidman (1984) e Marsh, Craven e Debus (1998) em dois dos estudos realizados acerca deste assunto, o primeiro a 658 alunos do 2º ao 5º ano de escolaridade e o segundo num estudo longitudinal no 1º e 2º anos de escolaridade, concluíram que existe uma progressiva diferenciação das dimensões do auto-conceito ao longo da idade do sujeito.

De acordo com Peixoto (2003), estes resultados são corroborados na infância, porém durante a adolescência as evidências empíricas são contraditórias.

Segundo Kansi, Wichstrom, e Bergman (2003), na pré-adolescência o sujeito desenvolve uma aptidão para reflectir acerca dos seus pensamentos e comportamentos, tendo por consequência efeito no seu auto-conceito.

Harter (1999) salienta que na fase do desenvolvimento da adolescência, as auto-representações do adolescente de um modo geral reforçam a existência de diferentes *selves*, os quais diferenciam-se consoante os contextos sociais nos quais o adolescente encontra-se inserido. Peixoto (2003) refere que no desenvolvimento do indivíduo as auto-representações do mesmo tornam-se mais complexas.

O auto-conceito assume particular importância em duas fases do desenvolvimento do indivíduo, a infância e a adolescência (Fontaine & Antunes, 2003). Faria e Fontaine (1990) acreditam também que no período que decorre entre a infância e adolescência os sujeitos vão embarcar em categorias cada vez mais específicas nos diferentes domínios (fundamentalmente no domínio académico e domínio não académico).

Contudo na adaptação em Portugal da Escala do Auto-Conceito de Susan Harter, realizada por Peixoto, Alves-Martins, Mata e Monteiro (1996), foram apresentados

resultados que indicavam que apenas existem diferenças significativas na idade no domínio do auto-conceito que diz respeito à atracção romântica.

Marsh e Craven (2005) realizaram um estudo longintudinal no qual pertendiam adquirir um maior conhecimento do desenvolvimento do auto-conceito em crianças. Neste estudo obteve-se resultados que apontavam para uma maior estabilidade das dimensões não académicas do constructo ao longo do tempo quando comparados com as dimensões académicas.

Segundo Camacho (2011) os estudos realizados sobre o auto-conceito com adolescentes apresentaram resultados contraditórios. Enquanto alguns estudos demonstraram que durante este período do desenvolvimento ocorre uma estabilização de correlações nos diferentes domínios do auto-conceito, outros estudos apontam para uma menor estabilização das correlações durante esta fase de desenvolvimento.

De acordo com Strecht (2005) a adolescência nunca foi uma fase fácil para o indivíduo. Esta fase do desenvolvimento apresenta-se como um desafio emocional para qualquer sujeito, implicando o ultrapassar de novos desafios, o que implica um aumento de riscos. Nesta fase também as mudanças fisícas às quais os sujeitos são expostos apresentam-se como uma das modificações que é alvo da preocupação constante dos indivíduos. Sendo este período considerado uma das fases no qual o sujeito é exposto a grandes alterações emocionais e fisícas, esta apresenta-se como um período no qual o auto-conceito poderá sofrer de alterações.

Manjarrez e Nava (2002) salientam que o auto-conceito é uma das estruturas da personalidade que está directamente relacionada com os modelos sociais do meio envolvente.

De acordo com Marsh (1989) o auto-conceito ao longo do desenvolvimento do sujeito, ao nível gráfico pode ser representada através do “U – forma côncova” pelo que

segundo o mesmo autor existe um decréscimo no começo da adolescência, havendo depois o aumento no final da mesma e no começo da idade adulta do indivíduo.

Faria e Azevedo (2008) afirmam que existe uma diminuição no valor do auto-conceito ao longo do desenvolvimento do indivíduo, indo de encontro aos resultados dos estudos realizados em Portugal e no exterior.

Veiga (1988) afirma que a diminuição do auto-conceito durante a fase de adolescência, pode ser ainda maior devido às experiências escolares dos indivíduos, nomeadamente as de fracasso.

Assim e de acordo com Peixoto (2003) podemos afirmar que no que diz respeito ao factor idade, durante a infância e pré-adolescência, os estudos demonstram que há um decréscimo nos domínios especifícos do auto-conceito. No que concerne à fase da adolescência, os estudos apontam para resultados opostos.

4. Auto-Conceito e Género

O género é uma das variáveis a ter em linha de conta, quando é apresentado um estudo sobre o auto-conceito. É um das variáveis que tem suscitado um vasto interesse nos últimos anos e que no que se refere às auto-avaliações globais não apresenta resultados contraditórios (Peixoto, 2003).

Faria (2002) afirma que resultados de estudos elaborados mais recentemente apontam para diferenças de género menos patentes e profundos do que investigações anteriores supunham.

Todavia, parece existir um maior concenso quando se aborda as diferenças entre o sexo masculino e feminino nas dimensões específicas do auto-conceito (Carmona, Gómez & Ortega, 2010; Faria, 2002).

Fontaine (1991) constata que as diferenças de género estão de acordo com os estereótipos tradicionais, isto é, os indivíduos do sexo feminino obtém valores mais elevados do auto-conceito nas dimensões da linguagem, académica e honestidade/fiabilidade e os indivíduos do sexo masculino possuem valores mais elevados do auto-conceito nos domínios de competência fisíca, na relação com o grupo de pares do sexo oposto, estabilidade emocional e em domínios não-académicos.

No que concerne aos domínios especifícos do auto-conceito é possível perceber que no auto-conceito físico, os sujeitos do sexo masculino apresentam valores mais elevados comparativamente aos sujeitos do sexo feminino (Harter 1999; Marsh, 1989; Peixoto, 2003; Peixoto & Mata, 1993). Historicamente pode-se considerar que esta afirmação advém do facto dos indivíduos do sexo masculino serem considerados mais capazes e com maior aptidão para actividades fisícas quando comparados com os sujeitos do sexo feminino aos quais não foram dadas oportunidades de desenvolvimento atlético iguais, existindo ainda actualmente maiores oportunidades de competição atlética para rapazes do que para raparigas.

Também no domínio da aparência física, existe uma diferença entre os genéros, sendo os indivíduos do sexo masculino apontados como aqueles que estão mais satisfeitos com a sua aparência fisíca, nomeadamente durante a fase da adolescência (Marsh, 1989; Peixoto & Mata, 1999). De acordo com Faria e Azevedo (2008) este facto deve-se a existência de elevados padrões e ideais de beleza associados ao sexo feminino, levando a resultados menores no que concerne ao auto-conceito fisíco.

Nas dimensões sociais do auto-conceito apesar de alguns autores considerarem que os elementos do sexo feminino tendem revelar um auto-conceito mais elevado em áreas sociais (Harter, 1999; Marsh, 1989), existem outros estudos realizados que utilizaram os *Self Perception Profiles de Harter*, os quais revelam que não existe

diferenças entre sujeitos do sexo masculino e do sexo feminino no que ao domínio da Aceitação Social diz respeito (Peixoto & Alves Martins, 2001; Peixoto & Mata, 1993, 1999).

É possível perceber também que existem diferenças de sexo no que respeita às interacções sociais do sujeito com os dois sexos. Assim, Faria (2002) refere que o género poderá ser um factor que leva os sujeitos a terem acesso a experiências sociais diferentes, no respectivo grupo social a que pertence.

Estudos utilizando versões do SDQ de Marsh, tendo como população-alvo indivíduos que estavam na fase de adolescência, revelaram que os sujeitos do sexo feminino demonstravam valores do auto-conceito superiores no domínio de Relacionamento com Pares do mesmo sexo. Também nos trabalhos utilizando os *Self Perception Profile* para uma população de adolescentes, revelou-se que mais uma vez os elementos do sexo feminino apresentaram valores mais elevados no domínio das Amizades Íntimas (Harter, 1988; O'Dea & Abraham, 1999; Peixoto & Alves Martins, 2001; Peixoto & Mata, 1999).

Ainda nas diferenças de género, as raparigas apresentam auto-conceito mais elevado nos domínios do comportamento (Harter,1999; Peixoto & Mata, 1993).

Ao nível do auto-conceito académico, existem mais uma vez diferenças de géneros. Assim, ao nível das competências a matemática, os elementos do sexo masculino apresentam um auto-conceito mais elevado (Eccles & Harold, 1993; Manger & Eikeland, 1998). Por outro lado, as raparigas apresentam um auto-conceito mais elevado no domínio da língua materna (Eccles & Harold, 1993; Hay, Ashman & Kraayenoord, 1998; Marsh, 1989; Martin & Debus, 1998).

Num estudo realizado por Yang e Fetsch (2007) em crianças que estavam inseridas num meio rural, os quais tinham como objectivo perceber quais as diferenças

entre as diversas dimensões do auto-conceito e o género, os resultados demonstraram que os indivíduos do sexo feminino possuem maior auto-conceito no domínio do comportamento, enquanto que os rapazes revelaram valores superiores em dois domínios, o da competência atlética e da aparência física.

Também Esnaola e Revuelta (2009) mencionam que são os adolescentes do sexo masculino que apresentam valores de auto-conceito mais elevados nas dimensões de auto-conceito geral, aparência física e de competência atlética.

Marsh (1989) numa investigação realizada a uma população que reunia pré-adolescentes, adolescentes e jovens adultos, os resultados reveleram que existe diferenças significativas entre géneros. Os domínios de habilidade física, aparência física e de matemática, foram os que revelaram valores superiores ao nível do auto-conceito para os sujeitos do sexo masculino. Já os domínios de competência escolar e verbal/leitura, foram os que se destacaram para os elementos do sexo feminino do estudo.

Num estudo elaborado por Carmona, Gómez e Ortega (2010) a 415 adolescentes, comprovou-se que existem algumas diferenças significativas no que ao género dos sujeitos diz respeito. Foi possivel perceber que os indivíduos do sexo feminino apresentaram valores mais elevados nos domínios relacionados com a escola e com a família, enquanto que os sujeitos do sexo masculino revelaram valores superiores do auto-conceito nos domínios social, fisíco e de auto-conceito global.

Também Brake (2006) num estudo realizado a crianças, adolescentes e jovens adultos, pretendeu perceber as diferenças de género entre sujeitos do sexo masculino e do sexo feminino no que ao auto-conceito físico diz respeito. Os resultados obtidos comprovaram que os elementos do sexo masculino possuem valores de auto-conceito físico mais elevado.

5. Auto-Conceito e Nível Sócio-Económico

O nível sócio-económico dos indivíduos é uma das variáveis que tem vindo a ser alvo de um crescente número de estudos no que ao auto-conceito diz respeito. No geral, os estudos que se têm focado na influência desta variável no auto-conceito revelam que as classes mais elevadas tendem a demonstrar valores superiores de auto-conceito (Veiga, 1995). Todavia existem estudos contraditórios, os quais demonstram que não existem diferenças no auto-conceito em função do nível sócio-económico e outros estudos cujos resultados apresentam-se como confusos.

Assim, num estudo realizado por Rosenberg (1989) os resultados demonstraram que existe uma relação maior entre o auto-conceito e o nível sócio-económico na fase de adolescência, do que em crianças. Segundo a mesma autora, o significado de classe social muda consoante a fase de desenvolvimento em que o sujeito se encontra, existindo quatro príncipios que podem explicar essa mudança. Esses príncipios são: as avaliações (as crianças e adolescentes têm percepções de si próprios reflectidas sobretudo nos pais e professores), auto-atribuição (as atribuições do êxito do indivíduo, neste caso nas crianças e adolescentes, estão intimamente relacionados com o contexto familiar e do grupo de pares), comparação social (visto que o meio social nas crianças é mais homogéneo do que nos adultos) e a centralidade psicológica (um dos interesses dos indivíduos na fase adulta é a classe social, não existindo esse interesse por parte das crianças e dos adolescentes).

A constatação feita por Veiga (1995), anteriormente referido, é de certa forma corroborado por Faria (2002), uma vez que este autor afirma que indivíduos que provêm de classes sociais baixas, quando comparados com sujeitos provenientes de classes sociais médias e elevadas, apresentam resultados escolares menos positivos, também

apresentam taxas de abandono escolar mais elevadas, revelando por seu lado uma percepção negativa da escola. Tudo isto é revelador, influenciando também aquilo que os sujeitos percepcionam de si próprios.

Em estudos realizados em terreno nacional, os resultados revelam que sujeitos provenientes de classes sociais mais elevadas apresentam auto-conceito mais elevado, nomeadamente nas dimensões académicas do mesmo. Este resultado pode ser explicado pelo facto, como já anteriormente foi mencionado, se sujeitos de classes sociais mais baixas apresentam rendimentos escolares não tão positivos, a percepção acerca da escola é afectada, influenciando as auto-percepções do indivíduo, afectando por consequente os domínios académicos do auto-conceito (Faria & Azevedo, 2008).

Também Faria (1998) num estudo feita em alunos do 11º ano de escolaridade, sobre o auto-conceito de competência, os resultados revelaram diferenças significativas em sujeitos de nível sócio-económico mais elevados em dois domínios do auto-conceito (prudência e resolução de problemas).

Peixoto e Mata (1993) elaboraram um estudo com sujeitos na fase de pré-adolescência, utilizando a escala de auto-conceito e auto-estima para crianças de Harter, no qual os resultados obtidos revelaram que existe diferenças entre alunos de diferentes níveis sociais, sendo que os alunos de classes sociais mais elevadas obtiveram valores mais elevados de auto-conceito.

Parte II – Estudo Empírico

1. Objectivos da Investigação

- Perceber se o auto-conceito dos alunos é coincidente com aquilo que os Pais pensam sobre os mesmos.
- Perceber se o auto-conceito dos alunos é coincidente com aquilo que os Professores pensam sobre os mesmos.
- Compreender qual a população da amostra (Pais ou Professores) que tem maior conhecimento acerca do que os alunos pensam de si próprios.

2. Questões de Investigação

- Existem diferenças entre géneros no auto-conceito global dos alunos?
- Existem diferenças entre géneros nos diferentes domínios do auto-conceito dos Alunos?
- Existem diferenças entre alunos de diferentes idades no Auto-Conceito global dos mesmos?
- Existem diferenças entre alunos de diferentes idades nos domínios do Auto-Conceito dos mesmos?
- Existem diferenças entre o Nível Sócio-Económico dos Pais e o Auto-Conceito global dos Alunos?
- Existem diferenças entre o Nível Sócio-Económico dos Pais e os domínios do Auto-Conceito dos Alunos?
- Será que existem diferenças de auto-conceito global entre alunos que frequentam diferentes tipos de estabelecimento de ensino (Privado ou Público)?

- Existem diferenças nos domínios de auto-conceito dos alunos que frequentam diferentes tipos de estabelecimento de ensino (Privado ou Público)?
- Existem diferenças entre o que os Pais percebem como o Auto-Conceito dos próprios Filhos e o Auto-Conceito dos alunos?
- Existem diferenças entre o que os Professores percebem como o Auto-Conceito dos alunos e o Auto-Conceito dos mesmos?
- Entre Pais e Professores quais os que possuem o maior conhecimento acerca do Auto-Conceitos dos sujeitos em questão?
- Existe uma visão integradora destas três concepções?

3. Metodologia

Quanto à metodologia utilizada nesta Dissertação de Mestrado esta será a Metodologia Quantitativa. A Metodologia quantitativa constitui uma metodologia mensurável. Este tipo de metodologia obedece ao paradigma do Positivismo, onde a realidade poderá ser analisada com objectividade, através de relações causa-efeito, podendo os resultados da utilização desta metodologia serem passíveis de generalização (Hayati, Karami & Slee, 2006).

Nesta Tese a opção metodológica quantitativa passa por um Estudo Correlacional, uma vez que pretende perceber qual a intensidade da relação entre duas ou mais variáveis.

3.1. Amostra

A amostra desta investigação será composta por 187 alunos de ambos os sexos do ensino público e privado do 3º Ciclo do Concelho do Funchal e pelos Pais e Professores dos mesmos. As Escolas escolhidas foram o Externato da Apresentação de Maria e a Escola Básica dos 2º e 3º ciclos da Bartolomeu Perestrelo, esta amostragem foi feita por conveniência. Além dos alunos, a amostra deste estudo é constituída por 187 encarregados de educação dos respectivos alunos e por 17 professores.

Foi entregue nas duas escolas um total de 1128 questionários, sendo que 376 questionários era destinada a cada população da amostra, isto é, 376 para alunos, 376 para os professores e 376 para os pais. Desses 1128 questionários, houve uma mortalidade de amostra de 618 questionários, sendo que foram recolhidos 201 questionários correspondentes aos alunos, 214 questionários dos pais e 94 dos Professores, num total de questionários recolhidos de 510 questionários. No final, a amostra teve de ser reduzida para que os questionários ficassem emparelhados. Sendo assim, ficou-se com uma amostra de 187 questionários de alunos, 187 questionários de pais e 77 questionários de professores compatíveis com os 187 questionários dos pais e alunos.

A amostra foi constituída por 187 alunos das duas Escolas, dos quais 66,5% são do sexo feminino e 33,5% do sexo masculino. Como é demonstrado na tabela abaixo.

Tabela 1. Distribuição de Alunos pelo Sexo

	Sexo	
	Feminino	**Masculino**
Percentagem de Alunos	66,5%	33,5%

A idade dos alunos variou entre os 11 e os 17 anos, todavia a média de idades da amostra dos alunos foi de 13,63 anos. O grupo de idades que teve maior presença foi a idade de 14 anos (33,3%), seguida do grupo de idade de 13 anos (29,5%). O grupo de maiores de 15 anos foi o que obteve uma percentagem menor (3,3%).

Tabela 2. Distribuição de Alunos por Grupos de Idade

Grupos de Idades de Alunos	**Percentagem de Alunos (%)**
<13	15,8%
13	29,5%
14	33,3%
15	18,0%
>15	3,3%

No que à amostra dos pais diz respeito esta foi constituida por 187 encarregados de educação de cada um dos alunos da amostra. A média de idades dos Pais variou entre os 32 e os 62 anos de idade, tendo uma média de idades de 44,23 anos.

No que concerne ao grupo de idades da amostra dos pais, esta teve uma maior percentagem de pais entre os 46-50 anos com 31,5%, seguido de pais cuja idades situavam-se entre os 41-45 anos com 26,1%. O grupo de idade de menores de 35 anos foi o grupo que obteve menor percentagem da amostra (1,6%).

Tabela 3. Distribuição de Pais por Grupos de Idade

Grupo de Idades dos Pais	**Percentagem de Pais (%)**
<35	1,6%
35-40	26,1%
41-45	30,4%

46-50	31,5%
51-55	7,6%
>55	2,7%

Tabela 4. Distribuição dos Pais pelo sexo

	Sexo	
	Feminino	**Masculino**
Percentagem de Pais	87%	13%

No que concerne ao sexo dos pais, 87% dos pais eram do sexo feminino havendo apenas 13% dos Pais do sexo masculino, podendo perceber uma diferença grande no que a esta variável diz respeito.

Nesta amostra de pais, foi possível perceber que 78,8% da amostra era casada, sendo o estado civil mais comum nesta amostra, onde apenas 11,4% da amostra era divorciada.

Tabela 5. Distribuição dos Pais pelo Estado Cívil

Estado Cívil dos Pais	**Percentagem de Pais (%)**
Solteiro (a)	3,3%
União de Facto	4,3%
Casado (a)	78,8%
Divorciado (a)	11,4%
Viúvo (a)	2,2%

Nesta amostra ainda foi possível perceber que 26,7% da mesma tinham o 12º ano completo, todavia há uma parte da amostra cuja as habilitações literárias correspondiam à Licenciatura (nomeadamente 18,7% da amostra).

Tabela 6. Distribuição dos Pais por Habilitações Literárias

Habilitações Literárias dos Pais	Percentagem de Pais (%)
2º ano	0,5%
3º ano	0,5%
4º ano	4,3%
5º ano	0,5%
6º ano	4,3%
7º ano	0,5%
8º ano	2,7%
9º ano	16,6%
10º ano	2,7%
11º ano	9,1%
12º ano	26,7%
Bacharelato	2,1%
Licenciatura	18,7%
Pós-Graduação	1,1%
Mestrado	2,7%
Doutoramento	1,6%

No que concerne à ocupação profissional da amostra, a profissão mais citada foi o de Professora com 8,5% da amostra. A segunda profissão mais frequente foi o de Funcionário Público com 7% da amostra.

Tabela 7. Distribuição dos Pais pelo Índice de Profissões

Profissões dos Pais pelo Índice de Profissões	Percentagem de Pais (%)
Quadros Superiores de Administração Pública, Dirigentes e Quadros Superiores de Empresa	4,8%

Especialistas das Profissões Intelectuais e Científicas	23,0%
Técnicos e profissionais do Nível Intermédio	29,1%
Pessoal Administrativo e Similares	11,5%
Pessoal dos Serviços e Vendedores	20%
Agricultores e Trabalhadores Qualificados da Agricultura e Pescas	0,6%
Operários, Artífices e Trabalhadores Similares	0,6%
Operadores de Instalações e Máquinas e Trabalhadores da Montagem	0,6%
Trabalhadores Não Qualificados	9,7%

Contudo no índice de profissões é possível perceber que 29,1% dos pais encontram-se no grupo de "Técnicos e profissionais do Nível Intermédio".

No que concerne ao número de filhos da amostra, a mesma variou entre 1 a 4 filhos, havendo quase metade da amostra (47,8%) com dois filhos.

Tabela 8. Distribuição dos Pais pelo Número de Filhos

Número de filhos dos Pais da Amostra	**Percentagem de Pais (%)**
1	32,6%
2	47,8%
3	17,4%
4	2,2%

No que à amostra dos Professores diz respeito, 87,5% dos participantes eram do sexo feminino, enquanto que 12,5% eram do sexo masculino.

A média das idades dos 17 participantes é de 37,76 anos com uma média de 14,18 anos de Tempo de Serviço.

Tabela 9. Distribuição dos Professores de acordo com o Género

	Sexo	
	Feminino	**Masculino**
Percentagem de Professores	87,5%	12,5%
Frequência	14	2

Tabela 10. Média de Idade e Tempo de Serviço dos Professores

	M	***n***
Idade	37,76	17
Tempo de Serviço	14,18	17

3.2. Procedimentos de Recolha de Dados

O instrumento "Como é que Eu Sou?" de Susan Harter adaptado por Francisco Peixoto foi distribuído à população de alunos da respectiva amostra, por vista a perceber o Auto-Conceito dos mesmos.

O questionário para os pais e professores, foi elaborado tendo por base o instrumento acima referido, com o intuito de perceber como os mesmos avaliam o auto-conceito dos filhos e alunos, respectivamente.

Assim, procedeu-se à entrega do instrumento para os alunos num envelope, juntamente com o questionário para os pais dentro de outro envelope. Estes

instrumentos foram respectivamente numerados, de modo a identificar o aluno em questão sem afectar a questão do anonimato e da confidencialidade. Os mesmos ao procederem à entrega fizeram com os envelopes fechados. Por sua vez, os questionários dos professores estavam também numerados, de forma a perceber a qual aluno pertencia. A escolha dos professores que iriam preencher o questionário, ficou a cargo do director de turma.

Estes questionários foram entregues aos dois Estabelecimentos de Ensino em questão, pelo que a escolha das turmas ficou à escolha dos directores de turma. A aplicação do instrumento aos alunos foi efectuada pelo o professor de uma determinada disciplina durante a aula, pelo que a recolha do mesmo em envelope fechado foi feita no mesmo dia. O mesmo professor procedeu à entrega aos alunos num envelope fechado do questionário a ser aplicado para os Pais, pelo que este questionário era recolhido pelo mesmo professor com o envelope fechado. Ainda este professor tinha como tarefa responder aos questionários para o mesmo, cada um de cada aluno da turma a que tinha entregue o questionário respectivamente numerado, possibilitando assim ao professor perceber a qual aluno pertencia o respectivo questionário.

3.3. Instrumentos de recolha de dados

Utilizou-se o instrumento “Como é que Eu Sou?” de Susan Harter adaptado por Francisco Peixoto e um Questionário para Pais e Professores baseado no instrumento de Francisco Peixoto.

Esta Escala do Auto-Conceito é constituida por 10 sub-escalas, as quais têm como objectivo avaliar as percepções em diferentes domínios (Competência Escolar, Aceitação Social, Competência Atlética, Aparência Física, Comportamento, Atracção

Romântica, Amizades Íntimas, Competência a Língua Materna, Competência a Matemática e Auto-Estima).

Tabela 11. Distribuição dos itens pelos diferentes domínios da Escala de Auto-Conceito

Subescalas	Itens de auto-percepção
Competência Escolar	1, 11, 21, 31, 41
Aceitação Social	2, 12, 22, 32, 42
Competência Atlética	3, 13, 23, 33, 43
Aparência Física	4, 14, 24, 44, 52
Atracção Romântica	5, 25, 35, 45, 51
Comportamento	6, 16, 26, 36, 46
Amizades Íntimas	7, 17, 27, 37, 47
Competência a Língua Materna	8, 18, 28, 38, 48
Competência a Matemática	9, 19, 29, 39, 49
Auto-Estima	10, 20, 30, 40, 50, 53

Todos estes domínios têm determinados conteúdos associados aos mesmos: Competência Escolar – Avalia a percepção do sujeito tem das suas capacidades e desempenho académico; Aceitação Social – Pretende perceber qual o grau de aceitação que o índividuo tem em relação ao seu grupo de pares e como o mesmo avalia a sua popularidade; Competência Atlética – Avalia como indivíduo se percepciona na realização de actividades desportivas ou físicas; Aparência Física – Percepção da satisfação que o índividuo tem do seu aspecto físico, nomeadamente aspecto, tamanho, peso, entre outros; Comportamento – Visa perceber a forma como o indíviduo se sente em relação à forma como age, isto é, se afasta-se dos problemas, se age de acordo com aquilo que os outros esperam do mesmo, se têm uma atitude adequada perante diversas situações, entre outros; Atracção Romântica – Percepção que o sujeito tem no que diz respeito à sua competência de atracção romântica, aquando de sentimentos de atracção

para com o outro; Amizades Íntimas – Pretende perceber a capacidade do sujeito em fazer amizades íntimas e conservá-las; Competência a Língua Materna – Avalia a percepção que o indivíduo tem do seu domínio da língua portuguesa; Competência a Matemática – Visa analisar a percepção do sujeito em relação às suas capacidades matemáticas; Auto-Estima – Avalia o quanto o sujeito gosta de si próprio.

Todos os itens da escala estão descritos com uma determinada afirmação (por ex., "Alguns jovens acham muito difícil fazer amigos"), na qual o índividuo deverá assinalar numa escala de lickert de 4 pontos variando entre o "Completamente diferente de mim" e o "Exactamente como eu".

O Questionário para Pais e Professores o qual foi baseado no instrumento acima mencionado, sofeu pequenas alterações. Primeiramente houve um maior número de dados de identificação que achou-se necessário introduzir. Alguns destes dados diferenciavam-se entre o questionário dos pais e dos professores. A principal mudança que ocorreu neste questionário foi introduzida na avaliação da escala de lickert. Esta manteve-se com quatro pontos, contudo estes variavam entre o "Exactamente como ele(a)" e o "Completamente diferente dele(a)". Os outros dois pontos também foram alterados para "Como Ele(a)" e "Diferente Dele(a).

Nesta investigação aferiu-se as qualidades psicométricas das escalas que foram aplicadas, nomeadamente as escalas que foram adaptadas (Pais e Professores), para analisar a consistência interna e a fidedignidade estatística, para a qual utilizou-se o Alfa de Cronbach.

Tabela 12. Valores do Alfa de Cronbach para as dimensões do auto-conceito e escala completa dos Pais e dos Professores

Domínios	**Escala do Auto-Conceito para Pais**	**Escala do Auto-Conceito para Professores**
Competência Escolar	0.726	0.858
Aceitação Social	0.695	0.686
Competência Atlética	0.706	0.570
Aparência Física	0.885	0.829
Atracção Romântica	0.721	0.709
Comportamento	0.706	0.677
Amizades Íntimas	0.824	0.837
Competência a Língua Materna	0.712	0.849
Competência a Matemática	0.896	0.875
Auto-Estima	0.783	0.776
Escala Completa	0.849	0.808

Assim, na tabela acima descrita (tabela 12) utilizou-se o Alfa de Cronbach para analisar a consistência interna das duas escalas em questão. A Escala de Auto-Conceito de Adolescentes para os Pais, a qual foi adaptada por mim, apresentou valores aceitáveis em todos os domínios da mesma. Na Escala de Auto-Conceito de Adolescentes para os Professores, todos os domínios apresentaram valores aceitáveis, exceptuando o domínio de Competência Atlética, que apresentou um valor inferior ao aceitável (alfa>60), o que sugere que a interpretação dos resultados tenha de efectuada com cuidado (Maroco & Garcia-Marques, 2006).

4. Apresentação dos Resultados

Neste capítulo irá ser abordado as análises estatísticas da escala de auto-conceito dos alunos comparando-a com a dos respectivos pais e também com a dos professores. Proceder-se-á também à comparação entre estes dois últimos tentando perceber se existe algum tipo de relação entre eles.

Numa primeira fase irá se proceder á identificação dos procedimentos que foram utilizados na análise estatística tentando responder às questões de investigação que foram elaboradas para esta investigação e de seguida irá se proceder a análise dos resultados, a interpretação dos mesmos de acordo com as questões de investigação.

Utilizou-se neste estudo o programa de análise estatística PASW Statistic 18 (conhecido anteriormente como SPSS), com o intuíto de proceder à análise dos dados de uma forma quantitativa variando consoante aquilo que se procura verificar. No estudo efectuado, optou-se por uma análise descritiva da amostra, utilizando nomeadamente, frequências absolutas (*n*), medidas de tendência central – média (M), medidas de dispersão ou variabilidade – desvio padrão (DP) e também por uma análise inferencial, na qual optou-se pela utilização de estatística paramétrica (teste *t*-Student).

Para iniciar a análise estatística da investigação em questão, precisou-se de avaliar dois pressupostos importantes aquando da análise estatísca de um estudo foram eles: a homogeneidade e a normalidade. Assim foi possível perceber que existe homogeneidade na amostra a partir do teste de Levene e para analisar a normalidade da mesma adoptou-se o príncipio do Teorema do Limite Central, que designa que uma distribuição é normal quando o número de participantes na investigação é superior a trinta (Maroco, 2007; Pestana & Gageiro, 2008).

Assim, após os dois pressupostos anteriormente mencionados terem sido cumpridos optou-se por aplicar o teste t-Student para amostras independentes. Todos os testes estatíticos realizados foram calculados com um nível de confiança de 95%.

Assim e de acordo com a descrição mencionada anteriormente, comecemos com as questões de investigação:

Q1: "Existem diferenças entre os géneros no Auto-Conceito Geral dos Alunos?"

Tabela 13. Médias, desvio padrão e *t*-Student para o Auto-Conceito Geral em função do género.

Sexo	**M**	**DP**	***n***	**Teste t (Sig. 2 tailed)**
Feminino	2,5193	.14199	121	.703
Masculino	2,5276	.12650	61	.692

Para obter esta análise estatística de modo a conseguir uma resposta para a questão de estudo utilizou-se o teste paramétrico *t*-Student, assim nomeou-se como variável dependente o Auto-Conceito Global e como variável independente o género dos alunos. Assim, como se pode verificar na tabela 13, os resultados revelam que não existem diferenças significativas entre o sexo feminino e sexo masculino, no que concerne ao auto-conceito global (*t=.703; p=.692*), respondendo assim à questão anteriormente proferida.

Q2: "Existem diferenças de género nos domínios do auto-conceito dos Alunos?"

Tabela 14. Médias, desvio padrão e *t*-Student para os domínios do auto-conceito em função do género.

Domínios	**Feminino**			**Masculino**			**Teste *t***
	M	**DP**	***n***	**M**	**DP**	***n***	**Sig. (2-tailed)**
Comp. Escolar	2,6202	.29429	121	2,6541	.23045	61	.434

Aceitação Social	2,4470	.27477	121	2,3831	.25392	61	.131
Comp. Atlética	2,7975	.32691	121	2,6000	.33267	61	.000
Aparência Física	2,4843	.53358	121	2,7000	.47863	61	.008
A. Romântica	2,6314	.35972	121	2,5705	.29894	61	.256
Comportamento	2,4938	.24728	121	2,4153	.26253	61	.049
Amizades Íntimas	2,2888	.27730	121	2,4607	.32108	61	.000
Comp. L.Materna	2,4736	.26701	121	2,4557	.28315	61	.678
Comp. Mat.	2,5860	.29504	121	2,6467	.27596	61	.182
Auto-Estima	2,3708	.30067	121	2,3896	.28916	61	.687

Nesta questão de investigação optou-se mais uma vez por recorrer ao teste *t*-Student. No que concerne à normalidade optou-se por ir de acordo com n>30, logo assumiu-se a normalidade da amostra. Assim, neste teste *t*-student foi definida como variável dependente os domínios do auto-conceito e como variável independente considerou-se o género do aluno.

Nos resultados analisados existem domínios do auto-conceito dos alunos que apresentam diferenças significativas, são eles a competência atlética (t=3.825; p=.000), a aparência física (t=-2.663; p=.008), o comportamento (t=1.980; p=.049) e o domínio das amizades íntimas (t=-3.739; p=.000).

Assim os resultados encontrados revelam que os rapazes revelam valores mais elevados de auto-conceito no domínio da aparência física e amizades íntimas. Enquanto que os elementos do sexo feminino revelam valores superiores do auto-conceito no domínio da competência atlética e do comportamento.

Q3: "Existem diferenças entre alunos de diferentes idades no Auto-Conceito global dos mesmos?"

Tabela 15. Médias, desvio padrão e *t*-Student para o auto-conceito global entre alunos de diferentes idades.

Idade	**M**	**DP**	***n***	**Teste t (Sig. 2 tailed)**
>=13	2,5265	.13642	100	.617
<13	2,5164	.13688	83	.617

Em primeiro lugar optou-se por fazer esta divisão de alunos com idade menor a 13 anos e alunos com idade maior ou igual a 13 anos, de forma a conseguir mais ou menos metade da amostra para cada grupo de idade.

Para conseguir responder a esta questão utilizou-se o teste *t*-Student utilizando como variável dependente o auto-conceito global e variável independente a tabela de idades. Assim é possível verificar que não existem diferenças entre alunos menores de 13 anos e alunos com idades iguais ou maiores de 13 anos (t=.501; p=.615).

. Q4: "Existem diferenças entre alunos de diferentes idades nos domínios do Auto-Conceito dos mesmos?"

Tabela 16. Médias, desvio padrão e *t*-Student para os domínios do auto-conceito entre alunos de diferentes idades.

Domínios	**>=13**			**<13**			**Teste *t***
	M	**DP**	***n***	**M**	**DP**	***n***	**Sig. (2-tailed)**
Comp. Escolar	2,6495	.29237	100	2,6096	.24920	83	.328
Aceitação Social	2,4328	.28505	100	2,4177	.24805	83	.705
Comp. Atlética	2,7215	.33734	100	2,7440	.34503	83	.658
Aparência Física	2,5200	.54295	100	2,6084	.50206	83	.258
A. Romântica	2,6103	.31070	100	2,6116	.37422	83	.979
Comportamento	2,4685	.24931	100	2,4606	.26559	83	.837
Amizades Íntimas	2,3925	.31634	100	2,2892	.27586	83	.021
Comp. L.Materna	2,4580	.25473	100	2,4783	.29094	83	.615

Comp. Mat.	2,6385	.29600	100	2,5675	.27635	83	.098
Auto-Estima	2,3737	.31595	100	2,3767	.27358	83	.945

Mais uma vez para se verificar esta questão utilizou-se o teste *t*-Student, onde nomeou-se como variável dependente os domínios do auto-conceito e como variável independente a tabela de idades.

Na tabela 16 é possível perceber que apenas existe diferenças significativas no domínio amizades íntimas (t=2.330; p=.021).

Q5: "Existem diferenças entre o Nível Sócio-Económico dos Pais e o Auto-Conceito global dos Alunos?"

Tabela 17. Médias, desvio padrão e *t*-Student para o auto-conceito em função do nível sócio-económico dos pais.

Nível Sócio-Económico dos Pais	**M**	**DP**	***n***	**Teste t (Sig. 2 tailed)**
Alto	2,5128	.14595	71	.315
Baixo	2,5349	.13431	94	.320

Nesta questão optou-se mais uma vez por dividir a amostra em metade, sendo que o nível sócio-económico alto corresponde à parte superior do índice de profissões e a parte inferior do índice de profissões ao nível sócio-económico mais baixo.

Para responder a esta questão utilizou-se o teste *t*-Student. Nesta tabela pode-se constatar que não existem diferenças no auto-conceito global entre alunos do nível sócio-económico alto e baixo (t=-1.009; p=.315).

Q6: "Existem diferenças entre o Nível Sócio-Económico dos Pais e os domínios do Auto-Conceito dos Alunos?"

Tabela 18. Médias, desvio padrão e *t*-Student para os domínios do auto-conceito em função do nível sócio-económico dos pais.

Domínios	**Nivel Sócio-Económico Alto**			**Nível Sócio-Económico Baixo**			**Teste *t* Sig. (2-tailed)**
	M	**DP**	***n***	**M**	**DP**	***n***	
Comp. Escolar	2,6430	.29402	71	2,6261	.27295	94	.704
Aceitação Social	2,3815	.26599	71	2,4544	.27998	94	.092
Comp. Atlética	2,7634	.33004	71	2,7234	.36784	94	.471
Aparência Física	2,5246	.55194	71	2,6160	.48311	94	.260
A. Romântica	2,5969	.35233	71	2,6342	.34301	94	.496
Comportamento	2,4338	.26616	71	2,4748	.24104	94	.302
Amizades Íntimas	2,3641	.27931	71	2,3585	.32541	94	.908
Comp. L.Materna	2,4451	.26010	71	2,4840	.29523	94	.379
Comp. Mat.	2,6162	.31733	71	2,5920	.27271	94	.600
Auto-Estima	2,3596	.33266	71	2,3858	.27826	94	.583

Como é possível verificar na tabela acima descrita (tabela 18) utilizou-se o teste *t*-Student na qual considerou-se como variável dependente os domínios de auto-conceito e como variável independente o nível sócio-económico dos pais. Na tabela 18 é possível perceber que não existem diferenças significativas em nenhum dos domínios do auto-conceito dos alunos, em função do nível sócio-económico.

Q7: "Será que existem diferenças de auto-conceito entre alunos que frequentam diferentes tipos de estabelecimento de ensino (Privado ou Público)?"

Tabela 19. Médias, desvio padrão e *t*-Student para o auto-conceito em função do tipo de estabelecimento de ensino os alunos frequentam.

Ensino	**M**	**DP**	***n***	**Teste t (Sig. 2 tailed)**
Privado	2,5092	.14593	97	.110

Público	2,5411	.12348	90	.107

Para verificar esta questão foi utilizada o teste t-Student, na qual foi definido como variável dependente o auto-conceito e como variável independente o tipo de estabelecimento de ensino no qual o aluno está inserido. Como é possível perceber, os resultados demonstram que não existem diferenças significativas entre os dois grupos (*p*=.107).

Q8: "Existem diferenças nos domínios de auto-conceito dos alunos que frequentam diferentes tipos de estabelecimento de ensino (Privado ou Público)?"

Tabela 20. Médias, desvio padrão e *t*-Student para os domínios do auto-conceito em função do tipo de estabelecimento em que os alunos se encontram inseridos.

Domínios	**Privado**			**Público**			**Teste *t***
	M	**DP**	***n***	**M**	**DP**	***n***	**Sig. (2-tailed)**
Comp. Escolar	2,6387	.28141	97	2,6222	.26170	90	.680
Aceitação Social	2,4923	.24973	97	2,3528	.26483	90	.000
Comp. Atlética	2,7381	.35720	97	2,7322	.32415	90	.906
Aparência Física	2,5186	.58356	97	2,6156	.44398	90	.205
A. Romântica	2,5814	.34205	97	2,6489	.33153	90	.173
Comportamento	2,4447	.26132	97	2,4906	.24505	90	.218
Amizades Íntimas	2,3119	.31089	97	2,3933	.28788	90	.065
Comp. L.Materna	2,4866	.28854	97	2,4567	.25086	90	.452
Comp. Mat.	2,5639	.27001	97	2,6494	.29883	90	.041
Auto-Estima	2,3162	.29115	97	2,4496	.28888	90	.002

Como se pode verificar na tabela acima descrita (tabela 20), utilizou-se o teste *t*-Student, na qual considerou-se o auto-conceito como variável dependente, enquanto que o tipo de estabelecimento de ensino definiu-se como variável independente. Assim, foi possível perceber que em 3 dos 10 domínios apresentados pela escala de auto-conceito

para adolescentes, foram encontradas diferenças significas, nomeadamente no domínio da Aceitação Social (*t*=3.707; p=.000), o domínio da Competência a Matemática (*t*=-2.056; *p*=.041) e o domínio da Auto-Estima (*t*=-3.144; *p*=.002).

Destes três domínios, os alunos do ensino privado apresentam valores mais altos no domínio de Aceitação Social, enquanto que os alunos do ensino público apresentam valores mais elevados do auto-conceito no domínio da Competência a Matemática e no domínio da Auto-Estima.

Q9: "Existem diferenças entre o que os Pais percebem como o Auto-Conceito dos próprios Filhos e o Auto-Conceito dos alunos?"

Tabela 21. Médias, desvio padrão e *t*-Student para os domínios do auto-conceito dos alunos e dos pais.

Domínios	**Alunos**			**Pais**			**Teste *t***
	M	**DP**	***n***	**M**	**DP**	***N***	**Sig. (2-tailed)**
Comp. Escolar	2,6301	.27209	186	2,6023	.31891	186	.267
Aceitação Social	2,4261	.26617	186	2,4649	.29448	186	.174
Comp. Atlética	2,7339	.34116	186	2,6419	.36207	186	.005
Aparência Física	2,5589	.51603	186	2,6184	.49973	186	.122
A. Romântica	2,6108	.33816	186	2,7057	.33265	186	.004
Comportamento	2,4660	.25448	186	2,4223	.29583	186	.104
Amizades Íntimas	2,3530	.30171	186	2,3141	.33203	186	.206
Comp. L.Materna	2,4715	.27132	186	2,5640	.34924	186	.003
Comp. Mat.	2,6040	.28711	186	2,4819	.27976	186	.000
Auto-Estima	2,3789	.29696	186	2,3816	.32675	186	.930

Nesta tabela (tabela 21) foi feita a comparação da Escala de Auto-conceito para adolescentes (alunos) e a Escala de Auto-Conceito para os Pais dos adolescentes. Para isso utilizou-se o teste *t*-Student, nomeadamento o Paire Sample Test, no qual cada

domínio dos alunos era comparado com o domínio respectivo dos pais dos respectivos alunos.

Assim é possível perceber que 4 domínios do auto-conceito revelam diferenças significativas, sendo eles o domínio da Competência Atlética (*t*=-2.833; p=.005), o domínio da Atracção Romântica (*t*=2.899; *p*=.004), o domínio da Competência a Língua Materna (*t*=3.039; *p*=.003) e o domínio da Competência a Matemática (*t*=-4,501; *p*=.000). Podemos então concluir que na Competência Atlética e na Competência a Matemática, os alunos possuem valores de auto-conceito mais elevados nestas dimensões do que os pais acreditam que os mesmos tenham. Enquanto que nas dimensões de Atracção Romântica e de Competência a Língua Materna, os pais acreditam que os filhos possuem valores de auto-conceito mais elevados do que na realidade os filhos (alunos) revelam.

Tabela 22. Correlação entre os domínios da Escala de auto-conceito para os alunos e os domínios da Escala de auto-conceito para os pais.

Alunos \ Pais	CE	AS	CA	AF	AR	C	AI	CLM	CM	AE
CE	,344**									
AS	-,124	,048								
CA	,104	-,020	,209**							
AF	,064	-,060	-,032	,473**						
AR	,033	-,171*	,015	,134	,120					
C	-,024	,093	,029	-,098	-,061	,124				
AI	,102	-,064	,014	,007	,014	-,013	,131			
CLM	-,010	-,006	,019	,025	,041	,091	,030	,123		
CM	,152*	-,021	,046	,215**	,156*	,097	,154*	,254**	,148*	
AE	,045	-,034	-,046	,045	-,124	,104	,050	,154*	,032	,054

Nota. * p< 0,05 ** p< 0,01 CE=Competência Escolar; AS=Aceitação Social; CA=Competência Atlética; AF=Aparência Física; AR=Atracção Romântica; C=Comportamento; AI=Amizades íntimas; CLM=Competência a Língua Materna; CM= Competência a Matemática; AE=Auto-Estima.

No que diz respeito às correlações entre os domínios do auto-conceito dos alunos e pais, é possível perceber que nos domínios de competência escolar,

competência atlética e competência a matemática existe uma correlação baixa entre pais e alunos. No domínio de aparência física existe uma correlação moderada entre as duas populações da amostra. Existem ainda algumas correlações baixas entre domínios diferentes entre pais e filhos.

Q10: "Existem diferenças entre o que os Professores percebem como o Auto-Conceito dos alunos e o Auto-Conceito dos mesmos?"

Tabela 23. Médias, desvio padrão e *t*-Student para os domínios do auto-conceito dos alunos e dos pais.

Domínios	**Alunos**			**Professores**			**Teste *t***
	M	**DP**	***n***	**M**	**DP**	***n***	**Sig. (2-tailed)**
Comp. Escolar	2,6130	.27162	77	2,5788	.31133	77	.396
Aceitação Social	2,3500	.26975	77	2,4273	.28069	77	.060
Comp. Atlética	2,7026	.30682	77	2,6234	.38930	77	.150
Aparência Física	2,5948	.45542	77	2,6130	.32600	77	.720
A. Romântica	2,6610	.33365	77	2,5457	.30568	77	.010
Comportamento	2,4981	.24554	77	2,3494	.30806	77	.001
Amizades Íntimas	2,4052	.28046	77	2,3266	.29974	77	.091
Comp. L.Materna	2,4584	.25306	77	2,4481	.27463	77	.793
Comp. Mat.	2,6571	.31190	77	2,6305	.33346	77	.563
Auto-Estima	2,4519	.29998	77	2,5052	.24727	77	.220

Na tabela que acima é descrita (tabela 23) são apresentados as médias e desvio padrão dos domínios da escala do auto-conceito, utilizando-se também o teste de *t*-Student para analisar as diferenças significativas dos domínios.

Nesta tabela é possível ler que existem domínios com diferenças significativas, designadamente, o domínio da Atracção Romântica (t=2.647; p=.010) e o domínio do Comportamento (t=3.380; p=.001) . Assim, nestes dois domínios os alunos apresentam

valores de auto-conceito mais elevados quando comparados com os valores de auto-conceito que os professores atribuem aos respectivos alunos.

Tabela 24. Correlação entre os domínios da Escala de auto-conceito para os alunos e os domínios da Escala de auto-conceito para os professores.

PROF. / Alunos	CE	AS	CA	AF	AR	C	AI	CLM	CM	AE
CE	,437**									
AS	,195	-,175								
CA	-,058	-,119	,001							
AF	,216	,243*	,036	,406**						
AR	,033	,167	,090	,221	,174					
C	-,126	,024	-,118	,034	,027	,095				
AI	,068	-,169	-,201	-,011	-,120	-,086	,220			
CLM	,044	,106	-,088	,246*	,249*	-,043	-,147	,115		
CM	,180	-,056	,120	,096	-,026	-,131	-,002	,178*	,224	
AE	,181	-,046	-,075	,197	,018	-,054	-,029	,065	,102	,078

Nota. * p< 0,05 ** p< 0,01 CE=Competência Escolar; AS=Aceitação Social; CA=Competência Atlética; AF=Aparência Física; AR=Atracção Romântica; C=Comportamento; AI=Amizades íntimas; CLM=Competência a Língua Materna; CM= Competência a Matemática; AE=Auto-Estima.

Na tabela de correlações (tabela 24) é possível perceber que existe uma correlação positiva moderada nos domínios de competência escolar e aparência física entre professores e alunos. Existe ainda correlação positiva baixa entre a competência a lingua materna dos alunos e aparência física dos professores e entre a competência a matemática dos alunos e a competência a língua materna dos professores.

Q11: “Entre Pais e Professores quais os que possuem o maior conhecimento acerca do Auto-Conceitos dos sujeitos em questão?”

Tabela 25. Médias, desvio padrão e *t*-Student para os domínios do auto-conceito dos pais e dos professores.

Domínios	**Pais**			**Professores**			**Teste *t***
	M	**DP**	***n***	**M**	**DP**	***n***	**Sig. (2-tailed)**
Comp. Escolar	2,6468	.29271	77	2,5788	.31133	77	.119
Aceitação Social	2,4108	.31075	77	2,4273	.28069	77	.748
Comp. Atlética	2,6565	.32071	77	2,6234	.38930	77	.428
Aparência Física	2,6091	.50418	77	2,6130	.32600	77	.949
A. Romântica	2,7113	.33594	77	2,5457	.30568	77	.000
Comportamento	2,4539	.28374	77	2,3494	.30806	77	.039
Amizades Íntimas	2,3253	.34188	77	2,3266	.29974	77	.981
Comp. L.Materna	2,7039	.34191	77	2,4481	.27463	77	.000
Comp. Mat.	2,4539	.27623	77	2,6305	.33346	77	.000
Auto-Estima	2,3258	.34307	77	2,5052	.24727	77	.001

Na tabela 25 é descrito as médias e desvio padrão para os domínios do auto-conceito das escalas de auto-conceito dos pais e dos professores. Mais uma vez foi utilizado o teste *t*-Student. Assim, as variáveis foram definidades uma a uma comparando o domínio dos pais com o respectivo domínio dos professores.

Dos 10 domínios do auto-conceito, metade destes apresentam diferenças significativas. São eles o domínio da Atracção Romântica (t=3.795; p=.000), o domínio do Comportamento (t=2.101; p=.039), o domínio do da Competência da língua materna (t=5.474; p=.000), o domínio de Competência a Matemática (t=-3.790; p=.000) e o domínio de auto-estima (t=-3.622; p=.001).

Nos domínios da Atracção Romântica, do Comportamento e da Competência da Língua Materna, os pais apresentam valores mais elevados do auto-conceito em relação aos filhos quando comparados com os professores, enquanto que estes últimos

apresentam nos domínios de Competência a Matemática e no da Auto-Estima, um auto-conceito mais elevado.

Tabela 26. Correlação entre os domínios da Escala de auto-conceito para os pais e os domínios da Escala de auto-conceito para os professores.

Pais \ PROF.	CE	AS	CA	AF	AR	C	AI	CLM	CM	AE
CE	,217									
AS	,196	-,146								
CA	,180	-,079	,487**							
AF	,025	-,058	,129	,247*						
AR	,108	-,142	,159	,118	,291*					
C	-,019	-,002	,031	-,191	-,272*	-,087				
AI	-,115	-,037	-,076	,081	-,108	,029	-,077			
CLM	,095	-,126	,138	,126	,282*	-,178	,041	,128		
CM	-,007	-,015	,042	-,155	-,280*	-,083	,015	,148	,190	
AE	-,099	-,055	-,062	,064	-,107	-,034	-,060	-,290*	,028	-,060

Nota. * p< 0,05 ** p< 0,01 CE=Competência Escolar; AS=Aceitação Social; CA=Competência Atlética; AF=Aparência Física; AR=Atracção Romântica; C=Comportamento; AI=Amizades íntimas; CLM=Competência a Língua Materna; CM= Competência a Matemática; AE=Auto-Estima.

No que às correlações diz respeito, é possível compreender que existe uma correlação positiva moderada entre o domínio de Competência Atlética dos pais e dos professores. Estão presentes também correlações positivas baixas nos domínios de Aparência Física e de Atracção Romântica. Nesta tabela é possível observar que existem duas correlações negativas baixas, a primeira entre a atracção romântica dos professores e o comportamento dos pais e a segunda entre a auto-estima dos pais e a competência a língua materna dos professores.

5. Discussão dos Resultados

Esta investigação teve como objectivo principal perceber o auto-conceito dos alunos e relacioná-lo com o que os pais e professores dos mesmos acreditam que seja o

auto-conceito dos próprios. Assim, de um modo geral, irá ser efectuada a discussão de resultados que foram obtidos no estudo comparando-os com os estudos empíricos que utilizámos como base desta investigação. Após esta discussão de resultados, irá ser abordado quais as limitações que ocorreram ao longo da realização deste estudo, concluindo este capítulo de investigação com sugestões de futuros estudos que possam ser realizados nesta área de estudos.

Em primeiro lugar optou-se por perceber qual a relação entre o género do aluno e o auto-conceito global do próprio (primeira questão de investigação). Os resultados indicaram que não existe diferenças significativas entre elementos do sexo feminino e do sexo masculino, no que ao auto-conceito global diz respeito. Estes resultados são corroborados com alguma literarura académica acerca deste assunto, embora nem toda a literatura seja congruente em relação ao mesmo. Diversos autores sublinham que não existe diferenças no que a este assunto diz respeito, nomeadamente em contexto português (Peixoto & Alves Martins, 2001; Peixoto & Mata, 1993,1999; Peixoto, 2003). Pode-se concluir então que a variável género tem pouco impacto no auto-conceito global do indíviduo.

Na segunda questão de investigação procurou-se perceber se existiam diferenças entre sujeitos do sexo masculino e do sexo feminino nas diferentes dimensões do auto-conceito na amostra de alunos. Os resultados desta questão demonstraram que os elementos do sexo feminino possuem resultados mais elevados no domínio da competência atlética e do comportamento. Todavia o resultado obtido no domínio da competência atlética não vai de encontro aos estudos empíricos que foram realizados nesta área. A maioria dos autores afirmam que o domínio de competência atlética e de actividade física, é geralmente dominada pelo sexo masculino (Fontaine, 1991; Peixoto & Alves Martins, 2001; Peixoto & Mata, 1993, 1999; Camacho, 2011), uma vez que ao

longo de décadas sempre houve uma maior oportunidade para os rapazes do que para as raparigas (Harter, 1999; Kling, Hyde, Showers e Buswell, 1999). Pode-se possivelmente explicar este resultado, com o facto de actualmente as oportunidades de realização de actividades físicas quer para rapazes, quer para raparigas, serem cada vez mais equivalentes.

Os resultados mais elevados no domínio do comportamento nos elementos do sexo feminino é corroborado por outros autores, considerando-se que as raparigas na altura da adolescência apresentam um comportamento melhor que os rapazes (Correia, 1991; Peixoto & Mata, 1993)

Já os elementos do sexo masculino apresentaram valores de auto-conceito mais elevados nos domínios da aparência física e das amizades íntimas. No que concerne, ao valor mais elevado na dimensão da aparência física por parte dos rapazes, este resultado está de acordo com os resultados que foram obtidos em diferentes investigações por diversos autores (Kling et al., 1999; Peixoto & Mata, 1993). Assim este resultado, para alguns autores poderá ser explicado pelo facto de existirem estereótipos de beleza com uma maior associação às raparigas do que aos rapazes, como já anteriormente foi referido (Harter, 1999; Kling et al., 1999). Já no domínio das amizades íntimas, muitos autores consideram que são as raparigas e não os rapazes que apresentam valores mais elevados nesta dimensão (Peixoto & Alves Martins, 2001; Peixoto & Mata, 1999). Este resultado não é então corroborado por outros estudos.

Na terceira questão de investigação, questionou-se se existiriam diferenças significativas entre alunos menores e iguais de 13 anos e maiores de 13 anos no que ao auto-conceito global diz respeito. Contudo os nossos resultados demonstraram que não existem diferenças entre esses dois grupos. Assim e de acordo com Peixoto (2003) na

adolescência os resultados acerca do auto-conceito são contraditórios, pelo que não se pode chegar a uma conclusão acerca desta questão.

Na quarta questão de investigação abordou-se as diferenças de idades dos alunos nos diferentes domínios do auto-conceito. Assim nesta questão foi possível perceber existe diferenças significativas no domínio das amizades íntimas, no qual os alunos com idade igual ou maior a 13 anos apresentam um auto-conceito mais elevado neste domínio do auto-conceito. Peixoto, Alves-Martins, Mata e Monteiro (1996) num estudo realizado apenas encontraram diferenças em alunos de diferentes idades no domínio da atracção romântica.

A quinta questão de investigação aborda o nível sócio-económico dos pais e o auto-conceito global dos alunos. Nesta questão foi possível verificar que não existem diferenças significativas entre alunos pertencentes a um nível sócio-económico mais baixo e mais elevado. Segundo Veiga (1995) as classes mais elevadas tendem a demonstrar valores superiores de auto-conceito, contudo mais uma vez existem estudos contraditórios que impedem de se chegar a uma conclusão.

A sexta questão de investigação está relacionada com a quinta, contudo relaciona os domínios do auto-conceito. Nesta questão foi possível verificar que não existem diferenças significativas nos diferentes domínios do auto-conceito, contudo de acordo com estudos efectuados nesta área, resultados demonstram que sujeitos de classes sociais mais elevadas apresentam auto-conceito mais elevado nas dimensões académicas do mesmo (Faria, 1998; Faria & Azevedo, 2008).

A sétima questão de investigação foi uma das questões que apresentava o tipo de estabelecimento de ensino que os alunos frequentavam como variável. Os resultados revelaram que não existe diferenças significativas entre alunos do ensino público e do ensino privado no que ao auto-conceito global diz respeito. No que a esta afirmação diz

respeito não houve nenhum estudo que encontrasse e ligasse estas duas variáveis pelo que não se pode comparar com o estudo empírico. Achou-se no entanto, que esta variável seria bastante interessante de ser estudada.

A oitava questão de investigação está relacionada com a sétima questão acima referida. Nesta questão pretendeu-se perceber se existem diferenças nas dimensões do auto-conceito entre alunos do ensino público e do ensino privado. Os resultados mostram que os alunos do ensino privado apresentam valores mais elevados no domínio da aceitação social e os os alunos do ensino público apresentam valores mais altos no domínio da competência a matemática e no domínio da auto-estima.

Na nona questão de investigação aborda-se as diferenças entre a Escala de auto-conceito para adolescentes e a Escala de auto-conceito para os Pais em relação aos filhos, no que aos domínios do auto-conceito diz respeito. Os resultados obtidos revelam que nas dimensões da competência atlética e da competência a matemática os alunos revelam valores de auto-conceito mais elevados quando em comparação com aquilo que os pais acham que estes têm, todavia estas duas dimensões apresentam correlação positiva baixa o que leva a concluir que quanto maior o auto-conceito dos alunos nesses domínios, maior será o auto-conceito dos alunos por parte dos pais, levando a uma consonância nesses domínios. Já nas dimensões de atracção romântica e de competência a língua materna, os pais acreditam que os filhos possuem valores de auto-conceito mais elevados do que na realidade os filhos (alunos) revelam.

Assim pode-se concluir que dos 10 domínios que são apresentados na Escala de Auto-Conceito, em apenas 6 domínios não houve diferenças significativas, levando a concluir que os Pais conhecem o auto-conceito dos filhos nos domínios de competência escolar, aceitação social, aparência física, comportamento, amizades íntimas e auto-

estima. É de salientar que no domínio da aparência física os alunos e pais estão em consonância.

Este resultado pode-se dever ao facto de que os alunos da amostra estão na fase de adolescência, de acordo com Gonçalves (2001) a grande maioria dos pais não atribui grande importância a esta fase pela qual o filho (a) se encontra, ocasionando muitas vezes, conflitos em contexto familiar, nomeadamente entre pais e filhos, no que concerne ao respeito para com o outro no que à sua individualidade diz respeito.

Também segundo Strecht (2005) esta fase de desenvolvimento (adolescência) é de extrema importância pelo que é necessário a mudança de relação dos filhos com os pais. Assim e de acordo com o mesmo autor, o rapaz ou a rapariga investe essencialmente em relações extra-familiares, do ponto de vista afectivo. Esta explicação pode ser uma das causas pelas quais os Pais terem um bom conhecimento do auto-conceito em 6 dos 10 domínios do auto-conceito.

A décima questão de investigação debruça-se sobre as diferenças entre a Escala de auto-conceito para adolescentes e a Escala de auto-conceito para os professores em relação aos respectivos alunos, nas diferntes dimensões do auto-conceito. Os resultados demonstram que no domínio da atracção romântica e do comportamento, os alunos apresentam valores mais elevados em comparação ao que os professores atribuem aos respectivos alunos nestes domínios.

Podemos perceber que nesta décima questão, o domínio da atracção romântica é uma das dimensões que nem os pais, nem os professores possuem um conhecimento acerca do adolescente. Também o domínio do Comportamento é outra das dimensões do Auto-Conceito que apresentam diferenças significativas entre alunos e professores. Podemos ainda salientar que existe consonância entre professores e alunos nos domínios de competência escolar e aparência física.

Todavia quando em comparação com os pais, os professores conhecem o auto-conceito dos alunos nas restantes 8 dimensões do mesmo. Assim, estes possuem conhecimento em mais duas dimensões do que os pais.

Porém, pode-se atribuir o facto dos professores terem conhecimento de um maior número de dimensões do auto-conceito dos alunos, não só há relação existente entre professor-aluno, como também ao facto de que os professores durante todo o dia de trabalho estão rodeados por adolescentes, podendo esse detalhe contribuir para os resultados que foram obtidos.

A décima primeira questão de investigação aborda as diferenças entre a Escala de auto-conceito para os Pais em relação aos filhos e a Escala de auto-conceito para os Professores em relação aos alunos. Nas dimensões da atracção romântica, do comportamento e da competência da língua materna são os pais que apresentam valores mais elevados em relação aos professores. Já nos domínios de Competência a Matemática e no da Auto-Estima, os professores valorizam mais que os pais.

Pode-se resumir que os pais e professores discordam em 50% das dimensões do auto-conceito acerca dos alunos. Apenas concordam entre eles nas dimensões de competência escolar, aceitação social, competência atlética, aparência física e amizades íntimas. Contudo no domínio de competência atlética e aparência física existe consonância moderada e baixa, respectivamente, entre as percepções dos pais e dos professores acerca dos alunos.

Segundo Reis (2008) os pais desempenham um papel fundamental no contexto familiar, essencialmente durante o desenvolvimento do filho (a), enquanto que a escola (nomeadamente, professores) possui um papel importante mas a nível pedagógico (inerentemente relacional e técnico), a qual tem como função estabelecer estratégias por forma a ser eficaz no percurso escolar do aluno. A mesma autora considera ainda que a

relação entre os pais e os professores tem como função aliviar o peso da escola na relação entre filhos e pais. Assim actualmente será necessário que o professor tenha criatividade para conseguir criar a aproximação entre a família do aluno e a escola.

De um modo geral, pode-se considerar que os resultados responderam às questões de investigação que foram propostas, levando consequentemente a uma maior consciencialização do que os pais e os professores pensam acerca do auto-conceito dos filhos/alunos nas diversas dimensões em que se encontra dividido.

Ao longo deste estudo tornou-se perceptível que o auto-conceito é a percepção que o indivíduo tem dele próprio.

Parte III – Conclusão

1. Conclusão

Ao longo de toda a investigação foi possível perceber que o auto-conceito tem sido um constructo alvo de investigação por parte de diversos autores, contudo salienta-se o papel de Shavelson e colaboradores (1976) que apresentam modelo multidimensional e hierárquico que até hoje tem sido um dos modelos mais aceites pela comudidade académica. Não se pode também esquecer da diferenciação entre o auto-conceito e a auto-estima, que apesar de serem dois constructos psicológicos, são diferentes um do outro e avaliam diferentes formas do *self* (Peixoto, 2003). Sendo assim, o auto-conceito pode ser considerado como uma das funções de maior importância na personalidade, tendo também influência sobre a motivação, o comportamento e o desenvolvimento da saúde mental (Manjarrez & Navas, 2002).

Assim em modo de consideração final pode-se observar que o auto-conceito global não difere quanto ao género, como foi corroborado com outros estudos, todavia quando abordou-se outras dimensões, tais como, a competência atlética, verificou-se que esta as raparigas possuem um auto-conceito mais elevado nesta dimensão. Foi então possível perceber que nas dimensões do auto-conceito existem diferenças entre o género masculino e feminino.

No auto-conceito global entre alunos de diferentes idades e de níveis sócio-económicos diferentes não foi possível observar diferenças entre os mesmos. Nos domínios do auto-conceito o mesmo foi observado entre alunos de níveis sócio-económicos diferentes. Porém existiu diferenças no domínio de amizades íntimas entre alunos com idades menores de 13 anos e iguais ou maiores que 13 anos.

No auto-conceito global entre alunos do ensino público e privado não houve diferenças a registrar, contudo tal como na variável de género houve diferenças nas dimensões do auto-conceito.

Já no que concerne aos objectivos principais desta investigação foi possível perceber que são os professores aqueles que se aproximaram mais do auto-conceito dos respectivos alunos quando em comparação com os pais. Como anteriormente referido, isto pode-se dever ao facto de os professores como consequência da sua profissão estão ao longo do dia de trabalho cercados por adolescentes, o que permite que estes tenham uma visão mais acertada acerca de como os adolescentes se percepcionam a si próprios.

Seria importante ainda a nosso ver uma maior aproximação entre professores e pais, uma vez que foi possível perceber que não existe uma uniformidade de ideias acerca daquilo que eles acreditam ser a percepção dos alunos/filhos.

A visão integradora entre estas três populações da amostra no que auto-conceito diz respeito está presente, contudo como foi acima referido é necessário um maior esforço de todas as partes para se conhecerem melhor, essencialmente no que diz respeito aos alunos. Para isso seria necessário que houvesse uma relação mais próxima entre a comunidade educativa de cada escola.

Assim, seria necessário que se optasse por acções de sensibilização para pais e professores em que se abordasse diferentes temas relacionados com a prevenção de problemas dos alunos e promoção do bem-estar dos mesmos. Seria interessante conseguir que houvesse reuniões mensais entre professores e encarregados de educação permitindo que estes últimos conhecessem como se comportam os respectivos filhos nas diferentes disciplinas de ensino.

Acima de tudo, os pais teriam de ser sensibilizados para importância que os mesmos possuem na construção do auto-conceito dos seus filhos e conhecer os factores que estão ligados a este constructo.

Em contexto de sala de aula, poderia ser interessante facultar sessões que permitissem que os alunos explorassem o auto-conhecimento e dessem a conhecer o que influencia o auto-conceito.

2. Limitações e sugestões para futuras investigações

Ao longo da realização desta investigação foram emergindo diversas limitações, primeiramento no que concerne ao tamanho da escala, esta foi uma das limitações que me foi transmitida pelos presidentes do conselho executivo de ambas as escolas. Outra das limitações deveu-se ainda à população de professores, sendo que estes ao contrário dos pais e alunos tinham de preencher mais do que um questionário, fez com que o número de questionários recolhidos fosse mais pequeno. Uma outra limitação que ocorreu no decorrer da investigação, foi o facto de não existir literatura acerca de algumas das questões de investigação sobre o qual este estudo se debruçava, dificultando a análise e discussão dos resultados.

No que às sugestões para futuras investigações diz respeito, seria interessante fazer um estudo longitudinal com alunos utilizando a Escala de Auto-Conceito ao longo de duas fases de desenvolvimento do indivíduo, nomeadamente a infância e adolescência adicionando ainda a visão dos pais acerca do auto-conceito dos filhos durante esse período. Este estudo iria permitir verificar se existia estabilidade ou diferenciação nas variáveis que fossem estudadas. Seria curioso também fazer um

estudo individualizado tentando perceber se existe relação entre o auto-conceito dos pais com o auto-conceito dos filhos durante a adolescência.

Bibliografia

Antunes, C., & Fontaine, A. (2003, Agosto). *Percepção dos adolescentes acerca das atitudes parentais, perante o seu desempenho académico: a sua relação com o desempenho académico, autoconceito académico e auto-estima global*. Comunicação apresentada na X Conferência da European Association for Research on Learning and Instruction, Padova.

Brake, N. (2006, Outubro). *Physical self-concepts and gender differences in children, adolescents and young adults.* Apresentação no International Council of Health Physical Education and Recreation Refereed Conference Procedings, Wellington, New Zealand. Retirado de http://www.aare.edu.au/06pap/bra06511.pdf

Brown, J. (1993). Self-esteem and self-evaluations feeling is believing. In J. Suis (Ed.), *Psychological perspectives on the self - The self in social* perspectives (pp.357-371). New Jersey: Lawrence Erlbaun Associates Publisher.

Byrne, B.M. (1984). The general/academic self-concept nomonical network: a review of construct validation research. *Review of Educational Research, 54,* 427-456.

Camacho, I. (2011). *Auto-Estima e Auto-Conceito em Crianças e Adolescentes: Um estudo de caso no Curral das Freiras* (Dissertação de Mestrado).

Campbell, J. D., & Lavallee, L. F. (1993). Who Am I? The role of *self* concept confusion in understanding the behavior of people with low *self*-esteem. In R. F. Baumeister (Ed.), *Self-esteem: The puzzle of low self-regard* (pp. 13-20). New York: Plenum Press.

Carmona, M.T., Gómez, S.G., & Ortega, M.S. (2010). Diferencias de género en el autoconcepto general y académico de estudiantes de 4º de ESO. *Revista de*

Educación, 352, 495-515. Retirado de http://www.revistaeducacion.mec.es/re352/re352_22.pdf

Carrapetta, C., Ramires, A.C., & Viana, M.F. (2001). Auto-conceito e participação desportiva. *Análise Psicológica, 1*, 51-58. Retirado de http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/aps/v19n1/v19n1a06.pdf

Correia, M. L. (1991). Auto-Percepção e Auto-Estima em crianças com repetência no 1º ciclo do ensino obrigatório. *Psicologia, 8,* 45-55.

Eccles, J. S., & Harold, R. D. (1993). Parent-school involvement during the early adolescent years. *Teachers College Records, 94*, 568.587.

Esnaola, I., & Revuelta, L. (2009). Relaciones entre la actividad física, autoconcepto físico, expectativas, valor percebido y dificultad percebida. *Accion Psicológica, 6* (2), 31-43. Retirado de http://e-spacio.uned.es/fez/eserv.php?pid=bibliuned:AccionPsicologica2009-numero2-0004&dsID=pdf

Faria, L. (1998). Estudo diferencial do auto-conceito de competência em função do sexo, do nível sócio-económico e do agrupamento de estudos escolares. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación Psicológica, 4,* 23-41.

Faria, L. (2002). Diferenças do auto-conceito de competência durante a adolescência. *Cadernos de Consulta Psicológica, 17* (18), 109-118

Faria, L. (2003). A importância do Auto-conceito em contexto escolar. In: C.M. Pires, P.J. Costa, S. Brites, & S. Ferreira, *Psicologia, Sociedade & Bem-estar* (pp.87-98). Leiria: Editorial Diferença.

Faria, L. (2005). Desenvolvimento do auto-conceito físico nas crianças e nos adolescentes, *Análise Psicológica, 4* (23), 361-371.

Faria, L. & Azevedo, A. (2008). Manifestações diferenciais do auto-conceito no fim do ensino secundário português. Retirado de http://sites.ffclrp.usp.br/paideia/artigos/29/02.ht

Faria, L. & Fontaine, A.M. (1990). Avaliação do conceito de si próprio de adolescentes: adaptação do SDQ – I de Marsh à população portuguesa. *Cadernos de Consulta Psicológica, 6*, 97-105.

Fontaine, A. M. (1991). O conceito de si próprio no ensino secundário: processo de desenvolvimento diferencial. *Cadernos de Consulta Psicológica, 7,* 33-54.

Gouveia, L.M. (2003). A auto-estima em alunos com dificuldades de aprendizagem (Dissertação de mestrado). Retirado de http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/10656/3/4985_TM_01_P.pdf

Gonçalves, A.C. (2001). Conflitos de relacionamento entre pais e filhos: Adolescentes no contextos familiar.Retirado de http://www.nead.unama.br/site/bibdigital/monografias/Conflitos_entre_pais_filhos.pdf

Harter, S. (1988). *Manual for the self-perception profile for adolescents*. Denver: University of Denver.

Harter, S. (1993). Visions of self: Beyond the me in the mirror. In J. E. Jacobs (Ed.), *Developmental Perspectives on Motivation* (pp.99-144). Lincoln: University of Nebraska Press.

Harter, S. (1999). *The construction of the self: A developmental perspective*. New York: The Guilford Press.

Hattie, J. (1992). *Self-concept*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.

Hay, I., Ashman, A., & Kraayenoord, C. E. (1998).The influence of gender, academic achievement and non-school factors upon pre-adolescent self-concept. *Educational Psychology*, *18*, 461-470.

James, W. (1890). *Principles of psychology.* New York: Holt.

Kansi, J., Wichstrom, L., & Bergman, L.R. (2003). Eating problems and the self-concept: Results based on a representation sample of Norwegian adolescent girls. *Journal of Youth and Adolescence, 32* (5), 325-335.

Kling, K. C., Hyde, J. S., Showers, C. J., & Buswell, B. N. (1999). Gender differences in self-esteem: A meta-analysis. *Psychological Bulletin, 125*, 470-500.

Manger, T., & Eikeland, O. J. (1998). The effect of mathematics self-concept on girls' and boys' mathematical achievement. *School Psychology International, 19*, 5-18.

Manjarrez, A.E. & Nava, B.C. (2002). Autoconceito e Autoestima em crianças maltratadas e crianças de famílias intactas. Retirado de http://www.psicologia.com.pt/artigos/imprimir.php?codigo=A0104.pdf

Maroco, J. (2007). *Análise Estatística com Utilização do SPSS.* Portugal: Sílabo.

Maroco, J., & Garcia-Marques, T. (2006). Qual a fiabilidade do alfa de Cronbach? Questões antigas e soluções modernas? *Laboratório de Psicologia, 4* (1), 65-90. Retirado de http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/133/1/LP%204(1)%20-%2065-90.pdf

Marsh, H. W. (1986). Verbal add math self-concepts: An internal/external frame of reference model. *American Educational Research Journal, 23*, 129-149.

Marsh, H.W. (1989). Age and sex effects in multiple dimensions of self-concept: preadolescence to early adulthood. *Journal of Educational Psychology, 81*, 417-430.

Marsh, H. W. (1993). Relations between global and specific domains of self: The importance of individual importance, certainty and ideals. *Journal of Personality and Social Psychology, 65*, 975-992.

Marsh, H.W. (2006). *Self-concept theory, measurement and research into practice: The role of self-concept in educational psychology.* Leicester, UK: British

Psychological Society. Retirado de http://www.aku.edu/News/Seminars/sem-selfconf.pdf

Marsh, H. W., Barnes, J., Cairns, L., & Tidman, M. (1984). Self-description questionnaire: Age and sex effects in the structure and level of self-concept for preadolescent children. *Journal of Educational Psychology, 76*, 940-956.

Marsh, H.W. & Craven, R.G. (2005). A reciprocal effects model of the causal ordering of self-concept and achievement: New support for the benefits of enhancing self-concept. In H.W. Marsh, R.G. Craven, & D.M. McInerney (Eds.). *International Advances in Self Research* (Vol.2, pp. 17-51). Greenwich: Information Age.

Marsh, H. W., Craven, R., & Debus, R. (1998). Structure, stability, and development of young children's self-concepts: A multicohort-multioccasion study. *Child Development, 69*, 1030- 1053.

Marsh, H. W., & Hattie, J. (1996). Theoretical perspectives on the structure of self-concept. In B. A. Bracken (Ed.), *Handbook of self-concept: Developmental, social and clinical considerations*, 38-90. New York: John Wiley & Sons.

Marsh, H. W., Relich, J. D., & Smith, I. D. (1983). Self-concept: The construct validity of interpretations based upon the SDQ. *Journal of Personality and Social Psychology, 45*, 173-187.

Martin, A. J., & Debus, R. L. (1998). Self-reports of mathematics self-concept and educational outcomes: The roles of ego-dimensions and self-consciouness. *British Journal of Educational Psychology, 68*, 517-535.

Mruk, C. (1998). *Auto-estima, Investigación Teoria v Pratica*. Bilbao: Editorial Desclée de Brouwer S.A.

O'Dea, J. A., & Abraham, S. (1999). Association between self-concept and body weight, gender, and pubertal development among male and female adolescents. *Adolescence, 34*, 69-79.

Oliveira, J. (2005). *Psicologia da Educação – Aprendizagem-aluno*. Porto: Livpsic.

Osborne, J. W. (1996). Academics, self-esteem, and race: A look at the underlying assumptions of the disidentification hypothesis. *Personality and Social Psychology Bulletin, 21*, 449-455.

Peixoto, F. (2003). *Auto-Estima, Auto-Conceito e dinâmicas relacionais em contexto escolar* (Tese de Doutoramento). Retirado de http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/48/1/TES%20PEIX1%20-%2014524.pdf

Peixoto, F., & Almeida, L.S. (1999). Escala de auto-conceito e auto-estima. In A.P. Soares, S. Araújo & S. Caíres (Eds.). *Actas da VII Conferência Internacional Avaliação Psicológica: Formas e Contextos* (pp.632-648). Braga: Apport.

Peixoto, F., & Alves Martins, M. (2001, Agosto). *Effects of gender age and school achievement on self representations and valuing of the school*. Comunicação apresentada na IX conferência europeia da European Association for Research on Learning and Instruction, Fribourg, Suíça.

Peixoto, F., Alves Martins, M., Mata, L., & Monteiro, V. (1996). *Adaptação da escala de auto-conceito para adolescentes de Susan Harter para a população portuguesa.* In L.S. Almeida, S. Araújo, M.M. Gonçalves, C. Machadon & M.R. Simões (Eds.), Avaliação Psicológica: Formas e Contextos (Vol. IV, pp.531-537). Braga: Apport.

Peixoto, F., & Mata, L. (1993). Efeitos da idade, sexo e nível sócio-cultural no auto-conceito. *Análise Psicológica, 11*, 401-413

Peixoto, F., & Mata, L. (1999, Março). *Autoconceito e auto-estima: Efeito diferencial do género na adolescência*. Comunicação apresentada no 9º Colóquio de Psicologia Clínica. Lisboa: I.S.P.A.

Pestana, M.H., & Gageiro, J.N. (2008*). Análise de dados para ciências sociais: A complementaridade do SPSS.* Lisboa: Edições Sílabo.

Reis, M.P. (2008). *A relação entre pais e professores: Uma construção de proximidade para uma escola de sucesso* (Tese de Doutoramento). Retirado de http://riuma.uma.es/xmlui/bitstream/handle/10630/2549/17678213.pdf?sequence=1

Rosenberg, M. (1989). Self-Concept research: A historical Overview. *Social Forces, 88*, 34-44.

Shavelson, J., Hubner, J., & Stanton, G. (1976). Self-concept: validation of construct interpretations. *Review of Educational Research, 46*, 407-442.

Silva, B.C. (2009). O auto-conceito em crianças e pré-adolescentes numa amostra de famílias de origem e famílias de acolhimento. Retirado de www.psicologia.com.pt

Silva, A.C., & Santos, R.M. (2002). *Relação Professor Aluno: Uma reflexão dos problemas educacionais.* Retirado de http://www.nead.unama.br/site/bibdigital/monografias/relacao_professor_aluno.pdf

Sisto, F. F., Bartholomeu, D., Rueda, F. J. M., & Fernandes, D. C. (2004). Autoconceito e Emoções. In Machado, C., Almeida, L. S., Gonçalves, M., & Ramalho, V. (Org.). *Avaliação psicológica: Formas e contextos* (pp.67-74). Braga: Psiquilíbrios.

Strecht (2005). *Vontade de Ser: Textos sobre adolescência*. Lisboa: Assírio & Alvim.

Teixeira, M.S. (2010). *Estudo sobre a Eficácia de um programa de Inteligência Emocional no auto-conceito de alunos do 2º Ciclo do Ensino Básico* (Dissertação de Mestrado).

Uszynska-Jarmoc, J. (2007). Self-Esteem and different forms of thinking in seven and nine year olds. *Early Child Development and Care, 177*, 337-348. doi: 10.1080/03004430500504336

Valente, I. (2002). *Autoconceito em estudantes de enfermagem*. Coimbra: Quarteto.

Vaz Serra, A. (1986). A importância do Auto-conceito. *Psiquiatria Clínica, 7* (2), 57-66.

Veiga, F.H. (1988). Disciplina maternal, autoconceito e rendimento escolar. *Cadernos de Consulta Psicológica, 4*, 47-56.

Veiga, F.H. (1995). *Transgressão e autoconceito dos jovens na escola*. Lisboa: Editora Fim de Século.

Wells, L. E. & Marwell, G. (1976). *Self-Esteem: Its Conceptualization and Measurement.* London: Sage Publications.

Yang, R.K. & Fetsch, R.J. (2007). The self-esteem of rural children. Journal of Research in Rural Education, 22 (5). Retirado de http://www.jrre.psu.edu/articles/22-5.pdf

Anexos

Anexo 1. Escala de Auto-Conceito para os Alunos

Como é que eu Sou?

(Peixoto & Almeida, 1999)

Nº_____

1. *Identificação do Aluno(a)*

Sexo: Feminino □ Masculino □

Idade: ____

2. Responder ASSINALANDO COM UM "X" a resposta que considera ser a mais adequada ao seu/sua filho(a).

	Exacta-mente como Eu	**Como Eu**	**Diferente De Mim**	**Comple-tamente diferente de Mim**
a) Alguns jovens gostam de ir ao cinema nos tempos livres.				
1. Alguns jovens são rápidos a fazer o seu trabalho escolar.				
2. Alguns jovens acham muito dificil fazer amigos.				
3.Alguns jovens são muito bons a praticar qualquer tipo de desporto.				
4. Alguns jovens não se sentem muito satisfeitos com a sua aparência.				
5. Alguns jovens conseguem, facilmente, namorar com as pessoas por quem se apaixonam.				
6. Alguns jovens arranjam complicações pela forma como se comportam.				
7. Alguns jovens têm um amigo especial em quem podem confiar.				
8. Alguns jovens acham que têm dificuldade na expressão escrita e oral.				
9. Alguns jovens têm dificuldades na resolução de exercícios matemáticos.				
10. Alguns jovens ficam muitas vezes desiludidos consigo próprios.				
11. Alguns jovens não conseguem obter bons resultados nos testes				
12. Alguns jovens têm muitos amigos.				
13.Alguns jovens, pensam que poderiam desempenhar bem qualquer actividade desportiva, que fizessem pela 1ªvez.				
14. Alguns jovens gostariam que o seu corpo fosse diferente.				

15. Alguns jovens acham que as pessoas da sua idade se apaixonariam, por eles.				
16. Alguns jovens fazem, geralmente, o que está certo.				
17. Alguns jovens têm um amigo especial com quem podem partilhar os seus segredos.				
18. Alguns jovens conseguem expressar-se muito bem.				
19. Alguns jovens conseguem resolver problemas de Matemática muito rapidamente.				
20. Alguns jovens não gostam do modo como estão a encaminhar a vida.				
21. Alguns jovens têm dificuldade em responder às questões que os professores colocam.				
22. Alguns jovens, têm dificuldade em que os outros gostem deles.				
23. Alguns jovens acham que são melhores a praticar desporto do que os outros jovens da sua idade.				
24. Alguns jovens gostariam que a sua aparência física fosse diferente.				
25. Alguns jovens têm dificuldade em ser bem aceites pelas pessoas por quem se apaixonam.				
26. Alguns jovens, frequentemente, arrajam problemas com aquilo que fazem.				
27. Alguns jovens não têm um amigo especial para partilhar coisas.				
28. Alguns jovens têm grande facilidade em escrever.				
29. Alguns jovens acham que são bons alunos a matemática.				
30. Alguns jovens, a maior parte das vezes, estão satisfeitos consigo próprios.				
31. Alguns jovens percebem tudo o que os professores ensinam nas aulas.				
32. Alguns jovens são muito bem aceites pelos colegas.				
33. Alguns jovens não são muito bons em jogos ao ar livre.				
34. Alguns jovens, acham que são bonitos				
35. Alguns jovens acham que são interessantes e divertidos nos seus encontros com elementos do sexo oposto.				
36. Alguns jovens, normalmente, comportam-se correctamente.				
37. Alguns jovens têm um amigo especial a quem podem fazer confidências.				
38. Alguns jovens têm boas notas a Português.				
39. Alguns jovens têm dificuldades na resolução de problemas matemáticos.				
40. Alguns jovens gostam do tipo de pessoa que são.				
41. Alguns jovens não conseguem perceber as				

matérias escolares.				
42. Alguns jovens, acham que são bem aceites pelas pessoas da sua idade.				
43.Alguns jovens sentem que não são muito atléticos.				
44. Alguns jovens, gostam mesmo do seu aspecto.				
45. Alguns jovens têm dificuldades em fazer com que as pessoas do sexo oposto se sintam atraídas por eles.				
46. Alguns jovens, sentem-se muito bem com a maneira com se comportam.				
47. Alguns jovens, não têm um amigo especial para partilhar pensamentos e sentimentos muito pessoais.				
48. Alguns jovens acham que não são bons alunos a Português.				
49. Alguns jovens acham que não têm boas notas a Matemática.				
50. Alguns jovens estão satisfeitos com a sua maneira de ser.				
51. Alguns jovens têm dificuldade em conquistar as pessoas por quem se apaixonam.				
52. Alguns jovens não gostam da sua aparência física.				
53. Alguns jovens têm sentimentos negativos em relação a si próprios.				

O quanto isto é importante para Mim?

	Exacta-mente como Eu	**Como Eu**	**Diferente De Mim**	**Comple -tamente diferente de Mim**
1.Alguns jovens acham importante ser bom aluno				
2. Alguns jovens pensam que não é importante ser bem aceite pelos colegas.				
3. Alguns jovens acham que é importante serem bons em desporto.				
4. Alguns jovens acham que a sua aparência física não têm muita importância.				
5. Alguns jovens acham importante ser capaz de fazer com que as pessoas do sexo oposto se sintam atraídas por eles.				
6. Alguns jovens acham que não é assim tão importante fazerem as coisas que estão certas.				
7. Alguns jovens não acham importante ter um amigo especial, com quem possam conversar dos seus problemas.				
8. Alguns jovens acham importante ser bom aluno a Português.				
9. Alguns jovens não acham importante ter boas notas a Matemática.				
10. Alguns jovens não acham importante ter bons resultados na Escola.				
11. Alguns jovens acham importante que os colegas gostem deles.				
12. Alguns jovens acham que não é importante ser bom em actividades desportivas.				
13. Alguns jovens acham que o seu aspecto físico é importante.				
14. Alguns jovens não acham importante conseguir conquistar as pessoas por quem se apaixonam.				
15. Alguns jovens acham que é importante comportarem-se correctamente.				
16. Alguns jovens acham que é importante ter um amigo especial em quem possam confiar.				
17. Alguns jovens não acham importante ter boas notas a Português.				
18. Alguns jovens acham importante ser bom aluno a Matemática.				

Anexo 2. Escala de Auto-Conceito para os Pais

Como é que Ele(a) é?

Nº_____

2. *Identificação do Pai/Mãe do Aluno(a)*

Sexo: Feminino □ Masculino □

Idade: ____

Estado Civil: Solteiro □ União de facto □ Casado □ Divorciado □ Viúvo □

Habilitações Literárias*:* _____ Profissão: _____

Número de filhos:_____ Idades:_____

2. Responder ASSINALANDO COM UM "X" a resposta que considera ser a mais adequada ao seu/sua filho(a).

	Exacta-mente como ele(a)	**Como Ele(a)**	**Diferente Dele(a)**	**Comple-tamente diferente dele(a)**
b) Alguns jovens gostam de ir ao cinema nos tempos livres.				
1. Alguns jovens são rápidos a fazer o seu trabalho escolar.				
2. Alguns jovens acham muito dificil fazer amigos.				
3.Alguns jovens são muito bons a praticar qualquer tipo de desporto.				
4. Alguns jovens não se sentem muito satisfeitos com a sua aparência.				
5. Alguns jovens conseguem, facilmente, namorar com as pessoas por quem se apaixonam.				
6. Alguns jovens arranjam complicações pela forma como se comportam.				
7. Alguns jovens têm um amigo especial em quem podem confiar.				
8. Alguns jovens acham que têm dificuldade na expressão escrita e oral.				
9. Alguns jovens têm dificuldades na resolução de exercícios matemáticos.				
10. Alguns jovens ficam muitas vezes desiludidos consigo próprios.				
11. Alguns jovens não conseguem obter bons resultados nos testes				
12. Alguns jovens têm muitos amigos.				

13.Alguns jovens, pensam que poderiam desempenhar bem qualquer actividade desportiva, que fizessem pela 1ªvez.				
14. Alguns jovens gostariam que o seu corpo fosse diferente.				
15. Alguns jovens acham que as pessoas da sua idade se apaixonariam, por eles.				
16. Alguns jovens fazem, geralmente, o que está certo.				
17. Alguns jovens têm um amigo especial com quem podem partilhar os seus segredos.				
18. Alguns jovens conseguem expressar-se muito bem.				
19. Alguns jovens conseguem resolver problemas de Matemática muito rapidamente.				
20. Alguns jovens não gostam do modo como estão a encaminhar a vida.				
21. Alguns jovens têm dificuldade em responder às questões que os professores colocam.				
22. Alguns jovens, têm dificuldade em que os outros gostem deles.				
23. Alguns jovens acham que são melhores a praticar desporto do que os outros jovens da sua idade.				
24. Alguns jovens gostariam que a sua aparência física fosse diferente.				
25. Alguns jovens têm dificuldade em ser bem aceites pelas pessoas por quem se apaixonam.				
26. Alguns jovens, frequentemente, arrajam problemas com aquilo que fazem.				
27. Alguns jovens não têm um amigo especial para partilhar coisas.				
28. Alguns jovens têm grande facilidade em escrever.				
29. Alguns jovens acham que são bons alunos a matemática.				
30. Alguns jovens, a maior parte das vezes, estão satisfeitos consigo próprios.				
31. Alguns jovens percebem tudo o que os professores ensinam nas aulas.				
32. Alguns jovens são muito bem aceites pelos colegas.				
33. Alguns jovens não são muito bons em jogos ao ar livre.				
34. Alguns jovens, acham que são bonitos				
35. Alguns jovens acham que são interessantes e divertidos nos seus encontros com elementos do sexo oposto.				
36. Alguns jovens, normalmente, comportam-se correctamente.				
37. Alguns jovens têm um amigo especial a quem podem fazer confidências.				
38. Alguns jovens têm boas notas a Português.				

39. Alguns jovens têm dificuldades na resolução de problemas matemáticos.				
40. Alguns jovens gostam do tipo de pessoa que são.				
41. Alguns jovens não conseguem perceber as matérias escolares.				
42. Alguns jovens, acham que são bem aceites pelas pessoas da sua idade.				
43.Alguns jovens sentem que não são muito atléticos.				
44. Alguns jovens, gostam mesmo do seu aspecto.				
45. Alguns jovens têm dificuldades em fazer com que as pessoas do sexo oposto se sintam atraídas por eles.				
46. Alguns jovens, sentem-se muito bem com a maneira com se comportam.				
47. Alguns jovens, não têm um amigo especial para partilhar pensamentos e sentimentos muito pessoais.				
48. Alguns jovens acham que não são bons alunos a Português.				
49. Alguns jovens acham que não têm boas notas a Matemática.				
50. Alguns jovens estão satisfeitos com a sua maneira de ser.				
51. Alguns jovens têm dificuldade em conquistar as pessoas por quem se apaixonam.				
52. Alguns jovens não gostam da sua aparência física.				
53. Alguns jovens têm sentimentos negativos em relação a si próprios.				

O quanto isto é importante para ele (a)?

	Exacta-mente como ele(a)	**Como Ele(a)**	**Diferente Dele(a)**	**Comple -tamente diferente dele(a)**
1.Alguns jovens acham importante ser bom aluno				
2. Alguns jovens pensam que não é importante ser bem aceite pelos colegas.				
3. Alguns jovens acham que é importante serem bons em desporto.				
4. Alguns jovens acham que a sua aparência física não têm muita importância.				
5. Alguns jovens acham importante ser capaz de fazer com que as pessoas do sexo oposto se sintam atraídas por eles.				
6. Alguns jovens acham que não é assim tão importante fazerem as coisas que estão certas.				
7. Alguns jovens não acham importante ter um amigo especial, com quem possam conversar dos seus problemas.				
8. Alguns jovens acham importante ser bom aluno a Português.				
9. Alguns jovens não acham importante ter boas notas a Matemática.				
10. Alguns jovens não acham importante ter bons resultados na Escola.				
11. Alguns jovens acham importante que os colegas gostem deles.				
12. Alguns jovens acham que não é importante ser bom em actividades desportivas.				
13. Alguns jovens acham que o seu aspecto físico é importante.				
14. Alguns jovens não acham importante conseguir conquistar as pessoas por quem se apaixonam.				
15. Alguns jovens acham que é importante comportarem-se correctamente.				
16. Alguns jovens acham que é importante ter um amigo especial em quem possam confiar.				
17. Alguns jovens não acham importante ter boas notas a Português.				
18. Alguns jovens acham importante ser bom aluno a Matemática.				

Anexo 3. Escala de Auto-Conceito para os Professores

Como é que Ele(a) é?

Nº_____

1. Identificação do Professor

Sexo: Feminino □ Masculino □

Idade: _____ Tempo de Serviço: _____

Estabelecimento de Ensino: _____

_____

Que Disciplina lecciona? _____

Tem Filhos? Sim □ Não □ **Se Sim, de que Idades?** _____

2. Responder ASSINALANDO COM UM "X" a resposta que considera ser a mais adequada a determinado individuo.

	Exacta-mente como ele(a)	**Como Ele(a)**	**Diferente Dele(a)**	**Comple-tamente diferente dele(a)**
c) Alguns jovens gostam de ir ao cinema nos tempos livres.				
1. Alguns jovens são rápidos a fazer o seu trabalho escolar.				
2. Alguns jovens acham muito dificil fazer amigos.				
3.Alguns jovens são muito bons a praticar qualquer tipo de desporto.				
4. Alguns jovens não se sentem muito satisfeitos com a sua aparência.				
5. Alguns jovens conseguem, facilmente, namorar com as pessoas por quem se apaixonam.				
6. Alguns jovens arranjam complicações pela forma como se comportam.				
7. Alguns jovens têm um amigo especial em quem podem confiar.				
8. Alguns jovens acham que têm dificuldade na expressão escrita e oral.				
9. Alguns jovens têm dificuldades na resolução de exercícios matemáticos.				
10. Alguns jovens ficam muitas vezes desiludidos consigo próprios.				

11. Alguns jovens não conseguem obter bons resultados nos testes				
12. Alguns jovens têm muitos amigos.				
13.Alguns jovens, pensam que poderiam desempenhar bem qualquer actividade desportiva, que fizessem pela 1ªvez.				
14. Alguns jovens gostariam que o seu corpo fosse diferente.				
15. Alguns jovens acham que as pessoas da sua idade se apaixonariam, por eles.				
16. Alguns jovens fazem, geralmente, o que está certo.				
17. Alguns jovens têm um amigo especial com quem podem partilhar os seus segredos.				
18. Alguns jovens conseguem expressar-se muito bem.				
19. Alguns jovens conseguem resolver problemas de Matemática muito rapidamente.				
20. Alguns jovens não gostam do modo como estão a encaminhar a vida.				
21. Alguns jovens têm dificuldade em responder às questões que os professores colocam.				
22. Alguns jovens, têm dificuldade em que os outros gostem deles.				
23. Alguns jovens acham que são melhores a praticar desporto do que os outros jovens da sua idade.				
24. Alguns jovens gostariam que a sua aparência física fosse diferente.				
25. Alguns jovens têm dificuldade em ser bem aceites pelas pessoas por quem se apaixonam.				
26. Alguns jovens, frequentemente, arrajam problemas com aquilo que fazem.				
27. Alguns jovens não têm um amigo especial para partilhar coisas.				
28. Alguns jovens têm grande facilidade em escrever.				
29. Alguns jovens acham que são bons alunos a matemática.				
30. Alguns jovens, a maior parte das vezes, estão satisfeitos consigo próprios.				
31. Alguns jovens percebem tudo o que os professores ensinam nas aulas.				
32. Alguns jovens são muito bem aceites pelos colegas.				
33. Alguns jovens não são muito bons em jogos ao ar livre.				
34. Alguns jovens, acham que são bonitos				
35. Alguns jovens acham que são interessantes e divertidos nos seus encontros com elementos do sexo oposto.				
36. Alguns jovens, normalmente, comportam-se correctamente.				

37. Alguns jovens têm um amigo especial a quem podem fazer confidências.				
38. Alguns jovens têm boas notas a Português.				
39. Alguns jovens têm dificuldades na resolução de problemas matemáticos.				
40. Alguns jovens gostam do tipo de pessoa que são.				
41. Alguns jovens não conseguem perceber as matérias escolares.				
42. Alguns jovens, acham que são bem aceites pelas pessoas da sua idade.				
43.Alguns jovens sentem que não são muito atléticos.				
44. Alguns jovens, gostam mesmo do seu aspecto.				
45. Alguns jovens têm dificuldades em fazer com que as pessoas do sexo oposto se sintam atraídas por eles.				
46. Alguns jovens, sentem-se muito bem com a maneira com se comportam.				
47. Alguns jovens, não têm um amigo especial para partilhar pensamentos e sentimentos muito pessoais.				
48. Alguns jovens acham que não são bons alunos a Português.				
49. Alguns jovens acham que não têm boas notas a Matemática.				
50. Alguns jovens estão satisfeitos com a sua maneira de ser.				
51. Alguns jovens têm dificuldade em conquistar as pessoas por quem se apaixonam.				
52. Alguns jovens não gostam da sua aparência física.				
53. Alguns jovens têm sentimentos negativos em relação a si próprios.				

O quanto isto é importante para ele (a)?

	Exacta-mente como ele(a)	**Como Ele(a)**	**Diferente Dele(a)**	**Comple-tamente diferente dele(a)**
1.Alguns jovens acham importante ser bom aluno				
2. Alguns jovens pensam que não é importante ser bem aceite pelos colegas.				
3. Alguns jovens acham que é importante serem bons em desporto.				
4. Alguns jovens acham que a sua aparência física não têm muita importância.				
5. Alguns jovens acham importante ser capaz de fazer com que as pessoas do sexo oposto se sintam atraídas por eles.				
6. Alguns jovens acham que não é assim tão importante fazerem as coisas que estão certas.				
7. Alguns jovens não acham importante ter um amigo especial, com quem possam conversar dos seus problemas.				
8. Alguns jovens acham importante ser bom aluno a Português.				
9. Alguns jovens não acham importante ter boas notas a Matemática.				
10. Alguns jovens não acham importante ter bons resultados na Escola.				
11. Alguns jovens acham importante que os colegas gostem deles.				
12. Alguns jovens acham que não é importante ser bom em actividades desportivas.				
13. Alguns jovens acham que o seu aspecto físico é importante.				
14. Alguns jovens não acham importante conseguir conquistar as pessoas por quem se apaixonam.				
15. Alguns jovens acham que é importante comportarem-se correctamente.				
16. Alguns jovens acham que é importante ter um amigo especial em quem possam confiar.				
17. Alguns jovens não acham importante ter boas notas a Português.				
18. Alguns jovens acham importante ser bom aluno a Matemática.				